

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

MARTA LÚCIA DE SOUZA CABRAL

**AUTO-ESTIMA
NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM**

**João Pessoa - PB
2006**

MARTA LÚCIA DE SOUZA CABRAL

**AUTO-ESTIMA
NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM**

Dissertação apresentada ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^{ra} Dra. Janine Marta Coelho Rodrigues

João Pessoa – PB
2006

MARTA LÚCIA DE SOUZA CABRAL

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 27/06/2006

BANCA EXAMINADORA

Profra. Dra. JANINE MARTA COELHO RODRIGUES
ORIENTADORA

Prof.ra Dra.MARIA DE LOURDES SOARES

Prof. Dr. IRAQUITAN OLIVEIRA CAMINHA

João Pessoa - PB
2006

Aos meus filhos, Andreski, Laís e Andrews.

A todos os alunos, razão e objetivo da minha busca do aperfeiçoamento e dos novos conhecimentos sobre a Educação, Psicologia e Psicopedagogia.

Uma dedicatória especial a Alberto (PEL), irmão caçula, desaparecido...

Dedico com carinho e apreço.

AGRADECIMENTOS

A toda minha família, especialmente meus filhos, por terem se privado em muitos momentos importantes, de minha companhia.

À minha orientadora, Professora Dra. Janine Marta Coelho Rodrigues, pela cooperação, presteza, compreensão, sensibilidade e que muito contribuiu para minha aprendizagem na orientação deste estudo.

Aos demais professores do curso, que influenciaram o meu enriquecimento pessoal e profissional, para a compreensão e produção deste trabalho. Também à equipe de apoio administrativo do curso pela atenção e presteza dos serviços dispensados.

Ao Centro Federal de Educação Tecnológica – João Pessoa, na posição de seus dirigentes que proporcionaram essa oportunidade ímpar, fazendo o curso de mestrado acontecer conjuntamente com a UFPB.

À Escola Estadual de Ensino Médio ‘Brasilianos’(pseudônimo), que simpaticamente abriu as portas e disponibilizou o que fosse necessário para realização da pesquisa.

Aos companheiro(a)s de curso e demais colegas de trabalho com os quais convivemos e aprendemos muito no desenvolvimento deste trabalho e que direta e indiretamente contribuíram para a essa realização.

Um especial agradecimento ao casal Edílson e Neide, Lourdes, Ana Maria, Francisca, pelo constante apoio e incentivo. Também aos professores Pio e Élide pela valorosa ajuda nas correções e traduções respectivamente.

Minha gratidão

“A auto-estima desenvolve-se como as sementes...
na terra com água, luz e calor,
tem passado, presente e futuro
e crescerá e se fortalecerá cada vez mais...
se não nos opomos a isso.
As crianças amam... quando amam,
os adolescentes amam... para que os amem,
os adultos amam... sem que os amem.”

Lourdes Cortés de Aragón

RESUMO

O presente estudo objetivou um maior entendimento da auto-estima e a necessidade de se analisar suas implicações no processo ensino-aprendizagem numa população de alunos adolescentes, relacionados ao conceito acadêmico pessoal e social (pais, professores e amigos), ao número de reprovações, às aspirações, às expectativas e às atitudes, face ao estudo e à futura profissão. Tudo isso orientou o problema deste estudo. Para tanto, elegeu-se uma amostra de 40 (quarenta) alunos das primeiras séries do ensino médio de uma escola pública, de ambos os sexos, com idade variando entre 14 e 20 anos. Quanto à metodologia utilizada, optou-se por uma abordagem qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados a aplicação de questionários. Os resultados revelaram que, apesar das reprovações, os alunos apresentaram a auto-estima variando entre média e alta. Portanto, eles se estimam e têm um conceito acadêmico pessoal e social de um bom estudante. Suas aspirações, expectativas e atitudes, face aos estudos, revelaram que seus objetivos estão direcionados a cursar a universidade e acham que exercerão a profissão que desejam no futuro.

Palavras Chaves: Auto-estima, Conceito Acadêmico, Aspirações e Expectativas

ABSTRAT

The present study aims at a better understanding of the self esteem and the necessity of analyzing the implications of the self-esteem in the teaching-learning process in a population of teen students, related to the social (parents, teachers and friends) and personal academic concept, to the number of failures, to the aspirations, expectations and the attitudes, due to the study and a future job. All these aspects oriented the problem of this study. For that, it was elected one sample of 40 (forty) students from the first levels of high school from one public school, of both sexes, with age varying from 14 to 20 years old. In relation to the methodology used, it was chosen one qualitative approach, having as instrument of data collect the application of questionnaires. The results revealed that besides the failures, the students presented a self esteem, varying between medium and high. Therefore, they esteem themselves and have a personal and social academic concept of a good student. His/her aspirations, expectancies and the attitudes due to the studies reveal that his/her objectives are directed to attend a university and think that he/she will perform the job he/she intends to be in the future.

KEY WORDS: Self-Esteem, Academic Concept, Wishes and Expectations

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
ABSTRACT.....	08
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – Desvendando o conceito de Auto-Estima	16
CAPÍTULO II – A auto-estima e a consolidação do desenvolvimento sócio-afetivo da criança à adolescência.....	43
2.1 - Auto-estima nas relações educacionais: a importância na formação do professor.....	43
CAPÍTULO III... Análise e Interpretação dos resultados	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICES	73

INTRODUÇÃO

Estamos vivendo um período de profundas e aceleradas transformações científicas e tecnológicas. O mundo tornou-se sem fronteiras, impondo novos desafios que vêm produzindo influências econômicas, políticas e sociais, que afetam a vida das pessoas, transformando os comportamentos sociais, as crenças religiosas e as aspirações políticas.

Hoje, uma nova ordem econômica mundial está formando um modelo de industrialização com diferentes relações entre sociedade – capital – trabalho, criando novas demandas educacionais. O mundo está mais competitivo, já não basta ler, escrever e se expressar bem: é preciso estar sempre bem informado e saber se relacionar.

Todas estas transformações trazem em primeiro lugar um novo desafio dentro das instituições educacionais: preparar os alunos para viverem num mundo em constante mudança e, portanto, repleto de incertezas e instabilidade. Em segundo lugar, elas nos fazem concluir que os educadores de hoje devem pensar na formação do homem para o terceiro milênio, rompendo barreiras do tradicional, principalmente em suas práticas pedagógicas.

A educação, atualmente, constitui uma das metas prioritárias do Brasil, vislumbrada nos discursos de nossos governantes. Colocá-la em prática é o “reconhecimento de que a educação é uma das forças capazes de provocar o desenvolvimento de uma nação” (PERES,1997:16).

A história da educação brasileira nos revela que nos anos pós-64, com o autoritarismo institucionalizado, éramos induzidos ao aprendizado de obediência à autoridade. De sorte, nossa realidade educacional tem mudado nas últimas décadas, mas não com a mesma velocidade que se dá a consolidação do estado democrático brasileiro. O novo perfil para o currículo acadêmico será apoiado em competências básicas para a inserção de nossos jovens na vida adulta e no trabalho, visto que, os Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino médio “buscam dar significado ao conhecimento escolar mediante a contextualização e evitar a compartimentalização, mediante a interdisciplinaridade, e incentivar o raciocínio e a

capacidade de aprender” (PCN.1999:10). Há motivos para esperar que essa orientação esteja mudando; sabemos que esse é o propósito da nova LDB (Lei 9.394/96),

[...] transformar o nosso sistema educacional, frente aos desafios postos por um mundo em constante mudança. Tanto o ensino fundamental como o médio estarão voltados para os diversos contextos da vida dos alunos, pois envolverá a formação que todo brasileiro deve enfrentar a vida com segurança. Ele não será um acúmulo de informações”(SOUZA:2000.7).

Contudo, ressaltamos: esse *continuum* de transformações no mundo e no Brasil promovem um movimento de modernidade com inúmeros avanços científicos e tecnológicos, impondo novos modelos das relações pedagógicas com o saber, o conhecer, as pessoas e a cultura. Enfrentar essa avalanche de informações, proporcionada por um mundo sem fronteiras e exigente para com o ser humano, requer que o mundo desperte para, segundo Branden (2000:16), “o fato de que o ser humano não pode esperar a realização de seu potencial sem uma **auto-estima** saudável.”

Diante de tantas reformas e mudanças na estrutura da Educação brasileira, esta apresenta sempre uma vulnerabilidade constante e acentuada, principalmente a cada mudança de governo. Entre tantas preocupações, surgem outras mais que passam a fazer parte do cotidiano dos professores: e compreender mais o comportamento humano, principalmente, como lidar com os adolescentes de hoje, na sala de aula, estruturar e adequar um novo perfil para esse discente, nesses tempos modernos.

Esta investigação parte de nossas inquietações como profissionais atuantes no segmento da educação quando, ao longo desses dezoito anos de prática em docência, observamos que muitos discentes apresentam diversas manifestações comportamentais que por vezes indicam sentimentos de insegurança, medo, tristeza, vergonha, culpa, ressentimento, dificuldade de se expressar e, principalmente, quando seus rendimentos escolares não são os esperados. Alguns alunos nos procuram para confidenciar temores e segredos de suas vidas quer individual quer familiar e, às vezes, chegam à escola numa condição de esgotamento emocional, revelada quase sempre pelo choro aparente, isolamento, agressividade ou tagarelice. Outros sequer acreditam em seu próprio potencial realizador, demonstram um auto-conceito distorcido e uma auto-estima abalada, evidenciando assim que são manifestações desfavoráveis ao bem-estar acadêmico.

As inquietações observadas através das atitudes dos alunos em sala de aula, demonstram aquilo que é próprio da adolescência, e revelam a fase em que continuam as exigências dos familiares no cumprimento das responsabilidades, enquanto estudantes. Ao

mesmo tempo, acontecem as cobranças da escola, da sociedade e até deles mesmos, para ter um retorno acadêmico sempre satisfatório e positivo, custe o que custar, causando assim, muitas vezes frustrações por não atingir as próprias expectativas e as dos outros. A partir dessas observações, sentimos a necessidade de entender essa problemática, pois sabemos que o rendimento escolar depende da nossa capacidade intelectual. Assim, perguntamos: será que o que o aluno sente em relação a si próprio pode afetar também o rendimento escolar?. Ressaltamos que falar dos sentimentos que o aluno tem em relação a si mesmo é falar sobre a auto-estima.

Portanto, cremos que o tema *auto-estima no processo ensino-aprendizagem* é merecedor de investigação, e, por isso, realizamos esta pesquisa, tendo clara a necessidade de analisá-la em busca de respostas que de alguma forma proporcione uma melhor compreensão e possibilidade de soluções para um desenvolvimento mais adequado para o crescimento pessoal e acadêmico dos discentes. Ao mesmo tempo, buscamos melhorar o conhecimento das implicações e manifestações da auto-estima nas relações educacionais, na forma de ensinar e suas repercussões na aprendizagem do aluno.

Com o objetivo de analisar a influência da auto-estima no processo ensino-aprendizagem, escolhemos para nossa pesquisa uma Escola Pública Estadual de Ensino Médio, que denominamos de “Brasilianos”*, localizada em João Pessoa/Paraíba, na qual professores, alunos, técnicos administrativos e comunidade interagem socialmente e por se tratar de uma instituição de ensino que contempla as características necessárias aos objetivos da pesquisa.

A escola “Brasilianos” é uma instituição dinâmica e atuante há 38 anos de serviços prestados à educação de adolescentes. Encontra-se localizada em um bairro muito próximo ao centro da cidade de João Pessoa, onde atende uma demanda de alunos oriundos do próprio bairro e de diferentes bairros periféricos da capital. Atualmente funciona oferecendo as três séries do ensino médio nos turnos manhã, tarde e noite, atendendo a um contingente de 1.505 alunos matriculados para o ano letivo 2005, período em que aconteceu a pesquisa. Desses estavam freqüentando regularmente 1.273 alunos. A instituição tem nos três turnos: 14 turmas de primeira série com um total de 601 alunos matriculados dos quais 499 alunos estão freqüentando regularmente, e apresentam a evasão parcial de 102 alunos; 11 turmas de segunda série com um total de 507 alunos matriculados e 403 alunos freqüentando.

* Esclarecemos que o nome da escola destacada no texto acima, é um pseudônimo usado para identificá-la e ao mesmo tempo preservar sua verdadeira identidade.

Portanto, apresenta parcialmente 104 evasões; 10 turmas de terceira série com um total de 397 alunos matriculados e 335 alunos freqüentando; há nessas turmas, 62 evasões. Isto significa que de uma clientela de 1.273 alunos, registra-se 268 evasões.

A Escola “Brasilianos” tem à frente da administração escolar uma Diretora Geral, que autorizou a realização da pesquisa, juntamente com a vice-diretora; ambas se revezam para atender aos três turnos. Sendo que para cada turno há uma secretária escolar, um Agente Administrativo e um funcionário-inspetor este responsável pelo acesso de entrada, circulação e saída de todas as pessoas na instituição. A equipe pedagógica é constituída por 4 Pedagogos/Supervisores escolar, duas Assistentes Sociais, uma Psicóloga e um Agente Administrativo, que se revezam cotidianamente para dar apoio necessário aos professores, alunos, familiares e comunidade. O corpo docente é constituído por 51 professores e professoras distribuídos nas três séries e turnos, que trabalham em média 35 horas semanais. Alguns professores fazem parte de um projeto do governo estadual chamado EPA (estudo/planejamento/atendimento), e trabalham cerca de 18 horas em sala de aula, complementando as horas restantes nas atividades do projeto.

A escola “Brasilianos” dispõe de 13 salas de aula, uma biblioteca, sala de direção, secretaria, um auditório. Tem uma área coberta para recreação e prática de educação física, com vestiários, sanitários e salas de arquivo geral. Encontra-se em tramitação na Secretaria de Educação Estadual da Paraíba um projeto para instalação de um laboratório de informática, previsto para 2006.

A escola programa e realiza diversas atividades durante o ano letivo, dentre elas: feira cultural, feira de ciências, gincanas e jogos esportivos internos, todas com o propósito de estimular e provocar no aluno a busca do conhecimento, desenvolvendo a criatividade, raciocínio, socialização e espírito de grupo. A administração da escola nos informou que procura aproximar a família dos estudantes em todas atividades. Tem como meta abrir suas portas para a comunidade em geral, convidando-as a assistir e observar as atividades desenvolvidas no ambiente escolar.

A supervisora educacional da escola “Brasilianos” mencionou que *“o projeto político pedagógico tem como objetivo principal proporcionar aos educandos situações de aprendizagem que contribuam para o desenvolvimento de suas potencialidades, habilidades e aptidões, servindo de auxílio à formação de valores éticos, morais e sociais, tornando-os capazes de refletir e agir em seu meio social preparando-os para a vida”*. Esclareceu também que a direção, juntamente com os demais integrantes da escola, tem se empenhado na medida do possível para tornar o projeto uma realidade.

A partir dessas informações sobre a escola “Brasilianos”, destacamos o universo de 499 alunos que freqüentam regularmente às primeiras séries dos três turnos, e optamos por efetivar a pesquisa com 40 adolescentes da primeira série do turno da manhã, por entendermos que eles representariam bem a amostragem que pretendemos objetivar. Na perspectiva de atingir os objetivos pretendidos, utilizamos o método de pesquisa qualitativa e, através da proporcionalidade, a amostra ficou assim distribuída:

- Turma A – 20% = 8 alunos;
- Turma B - 21% = 9 alunos ;
- Turma C - 20% = 8 alunos;
- Turma D - 20% = 7 alunos;
- Turma E - 19% = 8 alunos.

Essa opção decorreu do fato de que estudar a totalidade do universo acarreta um custo muito elevado, tornando assim oneroso o trabalho. Portanto, acreditamos que essa amostra proporcionará uma representação adequada à realidade que estudamos.

A justificativa para escolha dessa amostra deu-se basicamente pela necessidade de conhecer e identificar, nos sujeitos, os níveis da auto-estima e o sucesso escolar a partir do número de reprovações dos discentes; identificar o conceito acadêmico dos próprios discentes, bem como de pais, professores e amigos; verificar a aspiração, a expectativa e atitudes dos discentes em relação aos estudos e à profissão que desejam.

A escola “Brasilianos” é uma instituição social que representa o cenário onde acontece o processo ensino-aprendizagem, num espaço vivo de interação, onde os atores sociais: professores, outros profissionais da educação e alunos, exercem, de alguma maneira, um papel de relevância nesse processo. O aluno que aprende traça o desenho de sua história, que poderá se encaixar e alcançar o ideal pedagógico (educar-aprender) ou poderá se distanciar dele, passando a ser identificado *como mais um dentre os que não aprendem, que não gostam de estudar* e muitas vezes são apontados como *rebeldes, bagunceiros* e tantos outros sinônimos. Tais palavras estigmatizantes são atribuídas àqueles que de alguma forma não conseguem interagir num ambiente de aprendizagem, caracterizando assim um eterno conflito entre o desejo do aluno e aquilo que a escola se propõe a fazer.

É comum se ouvir que a personalidade tanto influencia como pode ser influenciada, principalmente nas relações afetivas e emocionais. Muitos especialistas da psicologia acreditam que a personalidade pode influenciar no desempenho educacional.

Nesse sentido, como a **auto-estima** é um componente que está presente nas pessoas, expressa através de suas atitudes, seus discursos, naquilo que pensa e sente acerca de si, está

intrinsecamente ligada ao desenvolvimento subjetivo, e este por sua vez está conectado às dimensões afetivas e sociais da personalidade humana. Por isso pensamos que é de importância máxima o reconhecimento da auto-estima e suas manifestações no desenvolvimento psicológico das pessoas, e, por conseqüência, o desenvolvimento acadêmico dos discentes.

No contexto educacional, o professor poderá compreender o comportamento do adolescente se tentar compreender o aluno e sua situação a partir da percepção subjetiva do próprio sujeito, permitindo-lhe compreender os efeitos da experiência passada do aluno, suas motivações e as conseqüências dos êxitos e fracassos no processo da aprendizagem escolar.

Assim, definindo o nosso posicionamento teórico, compreende-se a nossa preferência a partir da nossa prática profissional, que motivaram o nosso interesse por uma exploração mais aprofundada das manifestações e influências que podem ter a auto-estima, no processo ensino-aprendizagem dos discentes.

Utilizamos, em nossa pesquisa, o método de pesquisa descritiva para atingir nossos objetivos que é o de ampliar nosso conhecimento a respeito da importância e implicações da auto-estima no contexto educacional. Para tanto, escolhemos os instrumentos de pesquisa que nos levaram a tentar responder nossas indagações. Através da investigação, procuramos possibilidades da sala de aula ser um ambiente de aprendizagem mais participativa, colaborativa e interativa na relação professor-aluno, sejam quais forem os níveis da auto-estima dos alunos(as) e professores(as).

O presente trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo adentramos no aporte teórico geral para desvendar o conceito da auto-estima, abordando alguns aspectos mais importantes de sua estrutura, constituição e as manifestações da auto-estima.

No segundo capítulo pretendemos esclarecer a importância da auto-estima na consolidação do desenvolvimento sócio-afetivo da criança e do adolescente nas relações educacionais, com ênfase nas implicações do rendimento e sucesso escolar, bem como o auto-conceito acadêmico, as expectativas e aspirações dos alunos.

No terceiro capítulo procuramos apresentar uma discussão a partir das respostas dos investigados e o aporte teórico, considerando toda a complexidade que envolve o problema e que pudessem proporcionar interação entre o investigador e os sujeitos do estudo, proporcionando assim, uma análise e interpretação dos conteúdos conforme os objetivos previstos.

Enfim, apresentamos as considerações finais e em seguida, as referências consultadas e citadas, seguida de anexos.

CAPÍTULO I

O ser humano é um nó num feixe de relações e nós nos tornamos pessoas construimos nossa identidade através das pessoas com quem nos relacionamos e, assim, diferenciamos nossa singularidade.
(Boff, 1999)

1.0 – DESVENDANDO O CONCEITO DE AUTO-ESTIMA

Procuraremos, neste capítulo, explorar o universo da auto-estima, a partir do seu conceito e significado, das diversas concepções que tentam explicá-la e do papel que ela desempenha no desenvolvimento psicológico e social das pessoas. Explicaremos algumas distinções importantes entre os inúmeros significados da auto-estima, os quais nos permitirão dar conta de uma variedade de fatos e problemas. Nós nos perguntamos quais são as conseqüências de uma boa/alta ou má/baixa auto-estima, do ponto de vista dos sucessos ou fracassos que podem induzir ou favorecer em campos específicos de atividades, por exemplo, na educação. Nosso estudo requer uma análise aprofundada à luz dos conhecimentos estruturados por outros pesquisadores. Tentaremos, durante o trabalho, apresentar algumas definições elaboradas por diversos autores para clarear o conceito da auto-estima.

A auto-estima é um tema atual. Muitas pessoas estão interessadas nela: homens e mulheres, empresários e trabalhadores, pais e filhos, professores e alunos. Fala-se e emprega-se o termo auto-estima nas mais variadas situações. Há razões para essa busca de entendê-la, seja com o propósito de conhecer-se melhor, seja para dispor-nos a ajudar outras pessoas, assim como promover o crescimento pessoal e social.

Contudo, identificamos que tanto Aragón e Diez (2004) quanto Voli (1998), afirmam que a palavra auto-estima não existe em outras línguas, como o francês e italiano, os quais empregam em seu lugar as palavras: auto-conceito ou auto-imagem positiva ou negativa, reduzindo dessa forma o real significado da auto-estima. Ambos consideram que a palavra

auto-estima é uma aquisição nova em castelhano e que suas derivações, na educação, fazem parte da história recente da literatura Espanhola. Nesse sentido, André e Lelord (2003:15) esclarecem que os franceses referem-se a auto-estima mencionando a palavra amor-próprio, revelando assim uma visão mais afetiva, e até mesmo desconfiada em relação às pessoas. Os autores acima sustentam que o conceito de auto-estima ocupa um lugar importante no imaginário do mundo ocidental, em especial nos Estados Unidos da América, onde a palavra *self-esteem* faz parte do vocabulário corrente, e tem como tradução auto-estima.

De acordo com a pesquisa etimológica, podemos concluir que *auto-estima* faz referência ao apreço, à consideração, ao carinho e/ou amor que cada um tem de si mesmo, mas, refere-se também como a pessoa se vê, através de um olhar introspectivo e do qual se transforma numa opinião sobre si mesmo, podendo gostar ou não do que vê e agir para mudar. Voli (1998:50) explica que atualmente, o *sentido hedonístico*¹ do termo foi modificado, acrescentando-se conotações de responsabilidade do indivíduo por si mesmo, especificamente na relação consigo mesmo, e mais a responsabilidade para com os outros. Dessa forma, muda-se consideravelmente a percepção do conceito da auto-estima e sua importância na vida das pessoas. Visto que, o indivíduo passa a ser seu próprio agente de mudança.

Assim, apreciar o próprio valor e importância, significa ser consciente, não apenas da própria forma de agir em determinado momento, mas também do próprio potencial e possibilidades. Isso nos permite compreender nossa atuação como uma consequência natural e, ao mesmo tempo, como causa de contínua aprendizagem e consciência de que estamos aprendendo cada dia mais. Essa conscientização é o que nos permite, na realidade, aproveitar nossa capacidade e possibilidade de aprendizagem como referência para a vida e ponto de partida para novos conhecimentos. Durante muito tempo, a auto-estima era considerada contrária à *virtude da modéstia*², com a respectiva rejeição por sua conotação negativa, em todos os ambientes onde a modéstia imperava. Apresentaremos algumas definições neste trabalho, demonstrando o quão difícil é definir auto-estima; entretanto, o importante é compreendê-la como um fenômeno complexo e que faz parte fundamentalmente de nossa personalidade e que nem sempre temos consciência de sua existência.

¹ **Hedonístico** – Vem do Hedonismo: Teoria ética que coloca o prazer pessoal como o objetivo a que deve atingir todo o comportamento. A finalidade da existência está na busca e obtenção do prazer. Em grego **hedone** = prazer.

² Expressa um comportamento conformista, complacente, condescendente e até servil, necessitando sempre das avaliações positivas dos outros, que por sua vez traduz-se em uma necessidade de aprovação dos outros, muito mais do que de admiração. Para não ser censurada, julga necessário não se opor, não contradizer, não objetar, não violar regras e expectativas e portanto concordar, consentir, compartilhar, enfim conformar-se àquilo que os outros julgam certo e adequado. (MICELI:2003.90)

Branden (2000:16) relata que “o mundo todo vem despertando para o fato de que, se o ser humano não pode esperar a realização de seu potencial sem uma auto-estima saudável, o mesmo acontece com uma sociedade cujos membros não se respeitam, não se valorizam e não confiam nas próprias idéias”. Nós acreditamos que com o crescimento pessoal através da auto-estima, surge a possibilidade de podermos construir uma sociedade melhor. E nessa mesma linha de pensamento Aragón e Diez (2004: 9) afirmam que

[...] “auto-estima é sem dúvida uma das grandes descobertas das ciências do comportamento do século XX. Para os investigadores é um vasto terreno de onde não emerge nenhuma teoria global. As abordagens são múltiplas não é fácil orientarmos-nos. Embora a teoria está continuamente desafiada a manter-se ligada aos acontecimentos de diversas atividades”.

Apresentaremos alguns períodos históricos nos quais identificamos uma evolução do interesse pelo fenômeno da auto-estima. A partir da década de 70, segundo Branden (2000:14), nos Estados Unidos consolidou-se a consciência sobre a importância da auto-estima quando passaram a fazer correlações entre auto-estima e alguns aspectos do comportamento, como trabalho, vida conjugal, escola e outros. Somente na década de 80 a idéia da auto-estima passou a chamar mais atenção, e começaram a falar abertamente da sua importância para o bem-estar humano. Sobretudo, os educadores passaram a pensar na relevância da auto-estima para o desempenho dos alunos na escola.

Atualmente, as relações entre aprendizagem e auto-estima constituem um dos mais atuais e importantes problemas da Psicologia Educacional e da Psicopedagogia, que continuam sem serem explicados convincentemente por qualquer modelo teórico. Todavia, entendemos que a dinâmica da auto-estima revela-se como um fator significativo no contexto educacional e, particularmente, relevante no presente e no futuro dos discentes em termos de um desenvolvimento psicológico e social.

Percebemos que o interesse pela auto-estima foi crescente se comparado a quantidade de obras existentes. Embora, tenhamos identificado dentre a literatura pesquisada, um número considerável de obras tendo como título principal ou parte dele, a *auto-estima*, mas, para nossa surpresa, a maioria destas tratam basicamente de auto ajuda. Elas trazem roteiros de exercícios ou programas para elevar a auto-estima e estão direcionadas ao indivíduo que procura ajudar a si próprio para mudança do seu jeito de ser, sem acompanhamento de profissionais especializados. Muitas não apresentam embasamento teórico, não esclarecem a origem, desenvolvimento e evolução da auto-estima. Em sua

maioria são abordagens de ordem espiritual ou religiosa e algumas advindas do senso comum.

Não foi fácil encontrar obras de autores nacionais, de cunho científico, que abordassem o tema pesquisado. Por isso escolhemos algumas obras de autores estrangeiros publicadas no Brasil, como ASSIS e AVANCI (2004), BRANDEN (2000), DOUGLAS (1998), BRIGGS (2000), VOLI (1998), ANDRÉ e LERORD (2000) e MICELI (2003) e ROGERS (1982). Todos mantêm um crescente interesse científico pela auto-estima, embora digam coisas diferentes sobre o termo, procuram explicá-la a sua maneira. Talvez seja por isso que ainda hoje não haja uma definição de auto-estima que seja aceita por todos. Mas, de alguma maneira, apresentam contribuições significativas para ampliar o conhecimento de auto-estima que vem sendo construído há muito tempo, mas, não necessariamente com esse termo. Geralmente, a palavra EU era usada para referir-se à mente humana. Hoje, alguns autores mantêm o uso desse termo, referindo-se a personalidade humana.

A maior parte da discussão acerca do EU, antes do século XX, estava influenciada por dogmas filosófico ou religioso. Estes primeiros pontos de vista apareceram com toda clareza nos escritos Homéricos, nas obras de Platão e Aristóteles que especulavam sobre a natureza da alma. Porém, foi com o advento do cristianismo que se estabeleceu a distinção entre corpo e alma e se tornou relevante o aspecto da subjetividade. Os escritos sobre a individualidade das pessoas, enquanto ser comportamental, era utilizado no sentido de si mesmo, porém de maneira imprecisa.

Auto-estima é um tema que envolve a compreensão de si mesmo – do *EU* e podemos dizer o *Self*, com toda a sua complexidade que lhe é peculiar. Esclarecemos que o EU foi substituído pela palavra “Self”, designada pelos teóricos da Psicologia da consciência para representar o conjunto da personalidade do indivíduo. Hoje, o Self é entendido sobretudo como imagem de si mesmo, isto é, como a percepção que o sujeito tem de si mesmo. Entretanto, alguns teóricos mantêm o uso do termo EU, quando se referem à personalidade das pessoas.

Apoiando-nos nas variadas concepções acerca do Self, do auto-conceito e de auto-estima, podemos destacar um ponto em comum entre a maioria dos autores citados acima. É que o ‘Self’ representa o que sabemos a respeito de nós mesmos, a imagem que a pessoa tem de si; o autoconceito representa o que pensamos sobre nós mesmos, idéias e atitudes, (parte cognitiva) e a auto-estima representa o que sentimos acerca de nós próprios (parte afetiva), isto é, os sentimentos acerca do que somos. Diante dessa concepção, parece-nos difícil distinguir esse aspectos quando falamos de nós.

Além dos autores contemporâneos pesquisados, identificamos outros considerados clássicos da ciência psicológica que estudaram a natureza humana, a exemplo de Freud (1856-1939), William James (1842-1910) e Alfred Adler (1870-1937) que na construção de suas idéias, escreveram alguns ensaios sobre o que chamamos hoje de auto-estima, embora o termo usado à época não fosse exatamente este. Como exemplo citamos Freud, cujas idéias descritas em seus primeiros escritos sobre “os sintomas neuróticos, podem ser entendidos como expressões diretas da ansiedade, ou como defesas contra a ansiedade” (citado por Branden, 2000:12). Portanto, esses mecanismos de defesas do ego são interpretados como “estratégias para evitar as ameaças ao equilíbrio do ego”. Por isso, Branden reescreveu-os como “mecanismos da auto-estima.” Da mesma maneira, Adler (citado por Branden.2000:12) sugeriu que os sentimentos de inferioridade expressados por pessoas portadoras de defeitos físicos fossem considerados como uma tentativa de explicar a presença de uma baixa auto-estima. Enquanto James (1842) observou que o EU é “complexo e multifacetado”, hoje podemos dizer que ele estava certo, afinal nós assumimos vários papéis durante nossa vida. Os teóricos acima não usavam o termo auto-estima de maneira direta mas, apontavam através de seus conceitos uma tentativa de compreendê-la.

Outro grande teórico de orientação humanista e psicoterapeuta, Carl Rogers, destacou um dos aspectos da auto-estima – a *auto-aceitação* - embora estejam intimamente relacionadas, elas não significam a mesma coisa. Maslow (citado por Aragón e Diez, 2004:231) estudou a motivação humana e para explicá-la construiu uma teoria sedimentada-a através da hierarquia das necessidades, na forma de uma pirâmide na qual apresenta a auto-realização como a quinta e última necessidade numa escala de importância para cada pessoa. Para Maslow, “a auto-realização é o emprego e a exploração total dos talentos, capacidades e possibilidades de cada pessoa”. E ressalta que a *auto-realização* mais a *estima*, são duas necessidades fundamentais para estrutura psicológica do indivíduo, tanto quanto a auto-estima.

Do ponto de vista de Branden, (2000:12) estudar a auto-estima passa pelo “desafio de ganhar a compreensão do público para a sua importância e seu verdadeiro significado”. Hoje em dia, essa expressão é bem difundida, está na boca de todos e tornou-se moda, o que não significa que seja bem entendida. Devemos ser cuidadosos sobre o que pensamos e escrevemos sobre auto-estima para não torná-la parte da psicologia popular, considerando-a trivial. Acreditamos que tal fato tornou-se corriqueiro, porque atualmente, os autores Aragón e Diez (2004:12) afirmam que “a palavra auto-estima significa tantas coisas para tanta gente e tão diferentes uma das outras”. Particularmente ficamos surpresos com a variedade de

significados que lhe é atribuída, inclusive entre estudiosos conhecidos no meio científico. Em nossas leituras, constatamos que alguns autores atribuem poderes excepcionais à auto-estima, apontando-a como um novo *deus* poderoso, que faz milagres com poderes mágicos transformadores do comportamentos humano. Sem dúvida, a auto-estima não funciona assim. A auto-estima deve ser vista como um processo psicológico importante que passa pela compreensão da personalidade, e como tal é complexa. Assim, de acordo com Miceli (2003:16), “o EU, assume múltiplos papéis durante a vida das pessoas”. Portanto, diante da diversidade de significados existentes da auto-estima, procuraremos apresentar algumas definições de autores que se destacaram por suas publicações e pesquisas realizadas.

Uma das definições de auto-estima mais amplamente publicada, segundo Voli (1998:51) e Branden (2000:384) foi apresentada em *Toward a state of self-esteem: the final report of the Califórnia task force to promote self and personal and social responsibility, ou seja*, (em relação a um estado de auto-estima: o relatório final da força-tarefa da Califórnia para promover o self e a responsabilidade social e pessoal). Esse estudo foi realizado em 1984 por uma comissão de especialistas – psicólogos, sociólogos e pedagogos de São Francisco-Califórnia - Estados Unidos, a fim de estudar a auto-estima de crianças e adolescentes nas escolas primárias e secundárias. Os especialistas definiram auto-estima da seguinte forma: “é a apreciação do próprio valor e importância, e compromisso do indivíduo em assumir a responsabilidade por si mesmo e por suas relações intra e interpessoais”, (Apud.Voli.1998:51).

Voli (1998) aceita esta definição, mas acrescenta alguns aspectos para explicá-la. Considerou que a auto-estima manifesta-se através das relações do indivíduo consigo mesmo (internas), com os outros e com o meio (externas), e as transpessoais, isto é, essas relações são extensivas não apenas às pessoas, mas, as coisas, animais e a natureza. Essa definição demonstra que acontece uma interação do indivíduo consigo mesmo e depende, em geral, de sua situação e atuação social envolvida, podendo influir no estado interior da pessoa, formando um círculo de relações internas e externas. Portanto, a auto-estima não pode ser simplesmente um sentimento de auto-satisfação, dada sua grande relevância nas relações com os outros e como o meio. A auto-estima pode ser aprendida, trabalhada no sentido de melhorá-la, uma vez que depende da situação psíquica geral do indivíduo ou poderá se modificar de maneira inversa, quando ela é deteriorada, seja pelo próprio indivíduo ou por outras pessoas. Assim, a auto-estima depende de como esse indivíduo sente que o percebem, o aceitam, e querem as pessoas importantes de sua vida. Principalmente como a auto-estima se

desenvolve desde a infância, como sente-se segura diante do seu auto-conceito, senso de pertencimento, motivação e competência, de tudo aquilo que integrou e estruturou a sua personalidade.

Branden (2000:384) apresenta uma crítica a definição da Força Tarefa mencionada anteriormente, considerando que falta especificidade quando se questionar o *valor e importância em relação a quê?*. Para o autor, a definição não diz o que é um estado psicológico, mas como se chega até ele. O autor afirma que se trata de uma definição com influência política e não científica, para garantir que os defensores da auto-estima não estejam promovendo um "egoísmo" banal e irresponsável, principalmente quando eles fazem referência à maneira como devemos agir em relação a outras pessoas, com o objetivo das pessoas terem uma postura solidária com os outros

Outra definição nos é oferecida por Richard L. Bednar, M. Gawain Wells e Scott R. Peterson³,

“definimos a auto-estima como um senso subjetivo e duradouro de aprovação pessoal realista. Reflete como o indivíduo se vê e valoriza o self nos níveis mais básicos de vivências psicológicas. Fundamentalmente, então, auto-estima é um senso duradouro e afetivo de valor pessoal baseado na autopercepção acurada”.

Acreditamos que essa definição não está muito clara naquilo que o autor se propõe a definir. Entendemos que ele enfatiza a necessidade da auto-avalição e que a auto-estima é baseada na realidade da própria pessoa.

Para Briggs (2000,4) auto-estima “é a maneira pela qual uma pessoa se sente em relação a si mesmo. É o juízo geral que faz de si mesmo, o quanto gosta de sua própria pessoa”. A autora justifica que não se trata de uma pretensão ostensiva, mas de um sentimento calmo de auto-respeito, o que significa que ficamos satisfeitos em sermos nós mesmos. Entendemos que pretensão ostensiva é sentir-se vaidoso em relação a si próprio, de forma exagerada, como um narcisista⁴. Portanto, a pretensão é uma falsa manifestação para encobrir uma auto-estima precária.

O apreço por nosso valor e importância individuais não deve depender da comparação com as qualidades e habilidades dos outros. Conseguir acreditar no próprio valor e

3- Narcisista – Trata-se de um distúrbio de personalidade em que a pessoa exagera a própria importância, ajudados por fantasias de sucesso. Em geral reage com raiva e não aceita as críticas que lhes fazem. Gosta de si acima de qualquer outra coisa.

4– Cf . Livro Self-esteem: paradoxos and inovations in clinical theory and practice (Auto-estima: paradoxos e inovações na prática e teoria clinica) . Op.cit Branden.2000:383.

importância pode influir profundamente na definição de nossas estratégias de participação efetiva na vida.

Por outro lado, ter um sentimento voltado para si mesmo envolve tudo aquilo que acreditamos em relação a nós mesmos, e isso refere-se a acreditar no quanto a própria pessoa é capaz, ou não, de realizar algo para si ou para os outros. Acreditar em si mesmo tem a ver com as nossas crenças. Entretanto, destacamos que uma pessoa tendo auto-respeito, pode não estar integralmente satisfeita com tudo que faz ou sente em relação a si mesmo. Acreditamos que o juízo geral mencionado pela autora pode ser entendido como o auto-conceito que fazemos de nós mesmos e que vai além do auto-respeito. Nesse sentido, a imagem que queremos mostrar do Eu pode ser muitas vezes inconsciente, ou tácito. A apresentação do Eu não é apenas uma representação diante dos outros. É também uma maneira de construir uma identidade social, isto é, o auto-conceito é uma entidade complexa, constituída por várias áreas de interesse: intelectual, estética, acadêmico, moral e social. Para termos uma idéia de ‘quem é’ e ou ‘quem somos’ – e de quanto valem em cada área, nós nos observamos, e com base nessa observação, elaboramos um conceito sobre nós mesmos.

Entendemos que a autora acima formulou sua definição, deixando claro que ter um sentimento voltado para si mesmo envolve tudo aquilo que acreditamos em relação a nós mesmos, e isso refere-se a acreditar se a própria pessoa é capaz ou não de fazer alguma coisa. Acreditar em si mesmo está relacionado com as nossas crenças e o respeito por si mesmo; entretanto, consideramos que mesmo tendo auto-respeito, podemos não estar integralmente satisfeito com algum aspecto em relação a nós. O juízo geral que a autora menciona tem uma relação com auto-imagem, com o auto-conceito que fazemos de nós mesmos.

Douglas (1998:15) apresenta sua definição de auto-estima, como “um conjunto de crenças que você carrega em sua cabeça e aceita como verdade em relação a si mesmo ainda que assim não seja” Essa definição segue a mesma linha de pensamento de Briggs (2000) quando associa as crenças auto-realizadoras ou auto profecias. As crenças que temos sobre nós mesmos geram ações que se transformam em realidade e se confirmam. São criadas pelos pais ou responsáveis desde a infância e durante a vida da pessoa. Por outro lado, pudemos identificar nos escritos de Douglas, que ele segue uma abordagem teológica cristã, ao relacionar o desenvolvimento da auto-estima aos ensinamentos bíblicos, relacionando o amor que a pessoa deve sentir por si mesmo a partir da autorização de Deus, conforme pudemos

constatar no texto a seguir :

“Ame a si mesmo. Isto pode ser uma jornada que vai durar toda a vida. Se você não recebeu permissão dos seus pais para se amar, então conceda-se esta permissão. Dezenove vezes na Bíblia somos mandados nos amar. O apóstolo Paulo escreve: " Assim devem os maridos amar suas mulheres, como seus corpos. Quem ama a si mesmo." (Ef. 5:28) Depois de declarar que se deve amar ao Senhor Deus com todo o coração, alma, mente e força, diz Jesus, referindo-se ao segundo dos dois maiores mandamentos: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes" (Marcos 12:31) Você agora tem permissão da Bíblia para se amar.”
Obra citada por Douglas (1998:25).

Fazendo essa relação com os ensinamentos da Bíblia Sagrada, para justificar a definição, demonstra uma tendência ao egocentrismo, abordagem apregoada na década de 50 pela doutrina religiosa cristã, a qual afirmava que os problemas da humanidade derivam do excesso de amor-próprio, ou de orgulho, doutrina essa protestada por Carl Rogers (1958).

Outro autor que procura definir a auto-estima destacando o aspecto do valor próprio é o Moyses (2001:16). Ele define que “auto-estima é o ato de gostar e confiar em si mesmo”. O autor considera que a auto-estima está basicamente apoiada na confiança que a pessoa tem em suas idéias e no direito de ser feliz. Na sua opinião, se uma pessoa não confia em si mesma, não confia em suas idéias, não terá direito de ser feliz. Agindo dessa maneira, poderá afetar as decisões, as escolhas que fará durante a vida, comprometendo assim, o futuro da própria pessoa. Ressalta ainda, que uma pessoa ao pensar algo sobre si mesma, estará criando sua auto-imagem, mas quando fala de si para alguém, estará criando um autoconceito.

Podemos dizer que auto-estima revela como uma pessoa sente a respeito de si, como se vê, pensa e se avalia. Podemos perceber que a auto-estima é um poderoso fator de motivação, que faz com que tenhamos determinados comportamentos, porém não com o objetivo de impressionar alguém, mas na busca de melhorar cada vez mais o apreço por si, a medida que fazemos uma auto-avaliação. Certamente não encontraremos auto-estima em nenhum outro lugar senão dentro de nós mesmos.

Assim, apreciar o próprio valor e importância significa ser consciente, não apenas da própria forma de agir em determinado momento, mas também dos próprios potenciais e possibilidades. Isso nos permite compreender nossa atuação como conseqüências e como causa de contínua aprendizagem, por estarmos aprendendo a cada dia. Essa conscientização é o que nos permite, na realidade, aproveitar nossa capacidade e possibilidade de aprendizagem como referência para a vida e ponto de partida para novos conhecimentos.

Os autores acima contribuíram para a definição das estruturas da auto-estima e configuram bases do atual pensamento sobre o tema, embora tenhamos constatado, diante de tantas opiniões, que ao escolher uma definição e elegê-la para nortear nosso trabalho, sentimos que o estudo não ficaria completo. Por isso, preferimos manter a diversidade, por entendermos que trata-se de um tema que envolve a formação da personalidade e como tal é uma tarefa difícil, pois a auto-estima está relacionada com muitos outros fenômenos do self, portanto, é muito complexo.

Nessa perspectiva, procuraremos apresentar a partir das concepções dos autores citados as fontes internas e externas formadoras da auto-estima.

Aragón e Díez (2004:18) mencionam que a auto-estima faz parte de nossas atitudes⁵ e explicam que a auto-estima é integrada por três elementos importantes: componente cognoscitivo⁶, o componente afetivo/avaliativo e o componente comportamental. Eles são apresentados separadamente apenas com objetivo didático para facilitar sua compreensão. Na realidade todos esses elementos se integram e se relacionam entre si formando uma unidade. Na concepção destes autores, para cada componente deve-se adotar procedimentos específicos para desenvolver e melhorar a auto-estima, tais como *conhecer-se melhor, auto-avaliar-se, aceitar-se e agir* – este último trata-se de para ação em busca de mudança em si mesmo.

Os autores acima apontam o primeiro componente da auto-estima, o cognoscitivo, que refere-se às representações mentais (sensações, percepções, pensamentos, conceitos, juízos, raciocínios e opiniões) que fazemos de nós mesmos, isto é, esses aspectos referem-se ao conhecimento que temos das características de nossa personalidade, do que queremos, buscamos, desejamos e fazemos. Portanto, esse componente envolve o *autoconhecimento, autoconceito, autocompreensão, auto-imagem e autopercepção*. Partindo das idéias de Aragón e Díez (2004) concluímos que não podemos ter auto-estima sem possuir alguma informação sobre nós mesmos. Tais informações podem estar com ou sem embasamento verdadeiro, podem ser difusas ou claras, mas todas são envolvidas de sentimentos que servem de suporte às representações mentais e aos nossos comportamentos. Embora saibamos que penetrar no universo do EU e da auto-estima certamente será tão difícil quanto entender o território da auto-avaliação, que é repleto de encruzilhadas, e muitas vezes nos

5 - Aragón e Díez, considera **Atitude** uma organização mais ou menos estável ou duradoura de crenças, opiniões e conhecimento dotada de uma carga afetiva a favor ou contra um objeto definido que orienta a quem a possui a agir ou comportar-se com relação a esse objeto de maneira consciente e coerente do indivíduo.

6 - **Cognoscitivo** – relativo aos processos de conhecimento.

impedirá de ter acesso a pensamentos, sentimentos como bem argumenta Nietzsche (1844-1900:

“[...] o homem é muito bem protegido dele mesmo, dos patrulhamentos e assédios que faz a si mesmo; geralmente não consegue perceber a respeito de si nada além das próprias ações externas. Sua fortaleza verdadeira lhe é inacessível, a não ser que amigos e inimigos tornem-se traidores e o introduzam por um caminho secreto”.

Muitas pessoas passam pela vida inconscientes de si mesmas, adormecidas, como se fossem sonâmbulas. Outras, inclusive, negam conhecer-se. Na verdade, nós não estamos acostumados a refletir sobre *nós mesmos* e aqueles que exercitam o autoconhecimento correm o risco de fazê-lo de maneira errada, como pensava Goethe (1749-1832) ao afirmar que “a pior desventura que pode acontecer a um homem é pensar mal de si mesmo”. Sendo assim, além de provocar o autoconhecimento se faz necessário exercitar a *autocompreensão*, porém de forma coerente e adequada, caso contrário a ignorância sobre si mesmo minará a auto-estima de tal forma que as conseqüências poderão ser desagradáveis e insatisfatórias ao longo da vida. Assim, sabemos que o autoconhecimento exige que se faça auto-avaliação, que se investigue o quanto nos valorizamos, sendo este, apontado por Aragón e Diez (2000) como outro componente da auto-estima.

O segundo componente da auto-estima, é o afetivo/emocional, ele é avaliativo envolve o processo de auto-avaliação, auto-apreciação, valorização de si mesmo e o que sentimos a esse respeito. Todos nós, conscientemente ou não, estamos continuamente empenhados em elaborar avaliações sobre o mundo e, particularmente, sobre nós mesmos.

Nesse sentido, Miceli (2003:45) acredita que “as avaliações são crenças sobre poderes”, ou seja, saber o que é bom ou ruim para nós, ou quanto o é e para quais objetivos temos, é uma condição para que nosso comportamento seja eficiente.

Quanto ao terceiro componente comportamental da auto-estima – *Agir* – é descrito por Aragón e Diez (2000:27) como um elemento ativo, instigador de comportamentos coerentes com os conhecimentos e afetos relativos a nós mesmos e refere-se à independência, autonomia e auto-direção. Significa agir principalmente sobre nós mesmos, e isso requer um trabalho exigente com muito esforço para a mudança acontecer. Mudar a nós mesmos, às vezes produz medo e sofrimento, porque implica em confrontar-nos com o mundo exterior, especialmente com as pessoas com as quais nos relacionamos.

Após uma breve apresentação acerca dos três componentes da auto-estima, tentaremos discorrer sobre cada um deles mais detalhadamente. Sendo o autoconhecimento o elemento imprescindível na estruturação da auto-estima, indicando assim o primeiro passo

para melhorar a auto-estima: conhecer-se, que mantém-se integrado ao segundo passo, que é a auto-avaliação.

Conhecer-se melhor, como procedimento necessário ao desenvolvimento da auto-estima das pessoas, pressupõe que os autores citados anteriormente apoiaram suas idéias nos fundamentos do filósofo Sócrates (470-399.a.C.), que dizia: “Conhece-te a ti mesmo”, associada a necessidade que temos de praticar a introspecção como uma forma de avaliação para o crescimento pessoal. É através da introspecção que podemos saber coisas a nosso respeito que não aflora no mundo exterior, porém, a introspecção tem um poder limitado, principalmente quando temos dúvidas e incertezas sobre nós mesmos.

A auto-estima não é apenas o que se pensa e sente acerca da própria pessoa; ela também inclui os comportamentos que apresentamos. A melhor maneira de identificar o nível da auto-estima que uma pessoa tem é através de seu comportamento. Portanto, não basta que as pessoas se conheçam ou se amem; é necessário que elas ajam coerente e congruentemente com os conhecimentos e sentimentos que elas possuem sobre si mesmas.

As avaliações positivas ou negativas, que fazemos a respeito de nós mesmos, têm um lugar privilegiado em nossa mente e entram sorrateiramente, sem pedir permissão. Muito raramente nos colocamos diante do espelho e nos fazemos explicitamente perguntas sobre nós mesmos. Mas, implicitamente, as questões são feitas com frequências à nossa mente e, de maneira tácita, recebem respostas mais ou menos satisfatórias. Praticamente tudo que acontece conosco, tudo que fazemos ou sofremos tem para nós uma leitura auto-avaliatória.

Todos nós, em maior ou menor grau, nos percebemos, pensamos sobre nós mesmos e sobre nosso fazer e nosso viver. A auto-avaliação dirige e orienta nosso comportamento e nossas atitudes de maneira coerente com essas percepções, pensamentos e sentimentos, ao mesmo tempo que vivemos emoções e sentimentos relacionados com tudo isso. A maneira como nos avaliamos e os sentimentos criados a partir dessa avaliação têm grande relação com nossa história pessoal, basicamente com nossas experiências infantis, isto é, com um período da vida em que éramos indefesos e especialmente vulneráveis. Pai, mãe, professor ou qualquer outra pessoa adulta importante para nós, ou todas juntas, podemos dizer que de certa forma *programaram-nos* positiva ou negativamente.

Contudo, os “outros significativos” são termos usados por Assis e Avanci (2004:26), e referem-se às pessoas com as quais as crianças têm vínculos e “são determinantes para a formação e estruturação do ‘Self’, na medida em que são os referencias mais importantes e de maior significado para o sujeito”. Somente mais tarde, durante a adolescência, quando se desenvolve a capacidade de apreciação crítica, o adolescente se auto-avaliará. Nessa fase ele

é detentor de potencialidades que lhes permitirão mudar o auto-conceito; poderá, com as auto-avaliações, conservar, mudar ou adquirir novo auto-conceito, podendo reformular as imagens de si próprio e dos outros. É necessário ser capaz de avaliar a si mesmo e de distinguir as auto-avaliações das avaliações em geral, para ter condições de agir de maneira adaptativa e de adequar-se às circunstâncias.

Para melhorar a auto-estima, é importante avaliar-se com justiça e aceitar-se tal como é. Uma pessoa pode esforçar-se e desapegar-se das avaliações que os outros fazem, podendo tornar-se independente e autônomo em sua auto-avaliação.

De um modo geral, fazemos auto-avaliação com dois objetivos: primeiro, com o objetivo puramente cognitivo de saber se valem e quanto valem. Para Miceli (2003:48) trata-se do “objetivo de auto-avaliação realística”, ou seja, é verificar se valem e quanto valem, procurando verificar se e em que medida somos competentes, inteligentes, generosos, amáveis. Às vezes, nós nos submetemos conscientemente a provas (desafios) que acontecem no dia-a-dia, ora são mais fáceis ora são difíceis de serem resolvidos por nós e servem para confirmar se alcançamos o sucesso ou fracasso ou como prova de nossas qualidades, disposições e capacidades. A auto-avaliação realística sobre si mesmo pode levar a conclusões pouco lisonjeiras sobre o nosso próprio valor.

O segundo objetivo da auto-avaliação é nomeado por Miceli (2003) como o “objetivo principal da auto-estima”, e através dele, procuramos saber que valem, que somos como gostaríamos de ser: pessoas boas e competentes. O que importa é chegar a conclusões satisfatórias, confortadoras, animadoras sobre o próprio valor, mesmo a despeito da verdade, ou modificando, a seu bel prazer, com operações de reinterpretações e contínuo disfarce, para torná-la mais aceita e agradável.

Apoiando-nos nas concepções da autora supra citada, acreditamos que muitas vezes as nossas auto-avaliações sofrem do “vício cognitivo”, termo que designa a tendência a confirmar idéias e opiniões preexistentes sobre si mesmo. Então se a pessoa pensa que é corajosa, tende a encontrar mais facilmente argumentos que sustentem essa idéia sobre si mesma e a descuidar dos argumentos contrários. Contudo, podemos dizer que essa tendência à auto-confirmação pode manifestar-se também durante as auto-avaliações negativas. Por exemplo, se por um motivo qualquer um aluno parte da idéia de que não é inteligente, avalia seus rendimentos escolares através das suas provas bimestrais, e verifica que obtém sempre notas baixas, essas notas passam a funcionar como uma confirmação de que esse aluno não é inteligente e que não consegue aprender. Por outro lado, nesse momento da auto-confirmação, o aluno esquece de analisar outros fatores que contribuíram para que ele tirasse notas baixas,

por exemplo: o aluno não estudou regularmente, não tirou as dúvidas com o professor, não tem livro em casa para estudar, não procurou outro livro com amigos ou na biblioteca, o professor faltou muito e não explicou bem a disciplina, etc. Enfim, o aluno apenas se convence que de fato não é inteligente e não analisa outras causas de seu baixo rendimento, aceitando-se conforme se avalia. Sendo assim, o aluno tende a juntar-se aos colegas que se encontram numa situação parecida com a dele.

A Psicologia Social, do ponto de vista de Miceli (2003), explica a idéia da tendência de auto-confirmação, quando as pessoas preferem interagir com quem compartilha e confirma o conceito que fazem de si mesmas, principalmente nas auto-avaliações. Sendo assim, as pessoas escolhem lidar com quem pensa delas, aquilo que elas mesmas também pensam. E por mais estranho que isso possa parecer, se uma pessoa tem uma idéia negativa a seu respeito, escolhe estar próximo das pessoas que confirmam essa idéia, mesmo quando poderiam optar por uma interação mais gratificante com alguém que não a compartilhe. Essa auto-imagem fundamenta o auto-conceito da própria pessoa.

Acreditamos que a auto-estima é responsável pela criação de um conjunto de experiências implícitas sobre o que é possível e apropriado para nós, onde as nossas expectativas em relação a qualquer evento tendem a gerar ações que se transformam em realidades, isto é, “as crenças que as pessoas têm sobre elas mesmas tornam-se realidades que confirmam e fortalecem as crenças originais, muitas vezes criadas pelos pais ou responsáveis ou até pela própria pessoa” conforme cita (Branden.2000:35). Para o autor, a auto-estima – alta ou baixa – tende a gerar profecias auto-realizadoras, sejam elas positivas ou negativas..

Na perspectiva de Aragón e Diez (2004:189) há dois tipos de profecias: aquelas que as pessoas fazem sobre elas mesmas (autoprofecias), chamada por outros autores de crenças ou profecias. Elas remetem aquilo que as pessoas pensam e sentem delas mesmas, por exemplo, quando dizem “não sirvo para nada” ou “sou um inútil” e as que fazem acerca daqueles com quem lidam (heteroprofecias), por exemplo “você é capaz de fazer isso,” ou “você tem habilidade suficiente”. As autoprofecias ou crenças são coadjuvantes no fato de se tentar algo e o conseguir, e também de que não o tentemos e não o consigamos. Segundo o autor acima, isso acontece porque os pensamentos, os sentimentos e as ações não são independentes e interagem entre si. Assim, o que as pessoas pensam sobre si mesmas afeta os sentimentos, os comportamentos e influenciam nos pensamentos. Desse modo, os pensamentos das pessoas se transformam com frequência em autoprofecias realizadas. Não estamos dizendo com isso que, pelo mero fato da pessoa pensar num objetivo e o desejar, vai

conseguir. O que queremos assinalar é que uma “mente positiva” é o primeiro passo para atingir algum objetivo, e que uma mente negativa” é a melhor maneira de se dispor a fracassar.

As “profecias” que as pessoas fazem sobre outras pessoas com quem se relacionam também têm a “propriedade” de tender a realizar-se. O mero fato de pensar que outra pessoa é uma “tola”, não a torna uma ‘tola”. Mas, se além de pensar que ela é uma ‘tola’, alguém diz isso a ela e a trata como tal, sem dúvida está afetando sua integridade pessoal para que diminua o apreço que ela tem por si mesma. Muitas vezes, as pessoas não entendem porque essas profecias existem, menos ainda entendem porque as pessoas aceitam-nas e percebem que elas servem de reforço positivo ou negativo para formar o auto-conceito, que, por sua vez, constitui uma poderosa força no desenvolvimento da auto estima.

O conjunto dos componentes da auto-estima descritos e formulados por Aragón e Diez (2000:44) são mais ou menos estruturados, organizados e solidificados e com certa estabilidade ou permanência de sensações, percepções, pensamentos, avaliações, sentimentos e comportamentos referentes a nós mesmos, nossa maneira de ser e fazer as nossas características físicas e psicológicas de personalidade, compõem as atitudes para o nosso próprio ser que chamamos de auto-estima. Portanto, acreditamos que todos nós desenvolvemos uma auto-estima, podendo se apresentar como alta-média-baixa, positiva-negativa, suficiente-insuficiente adequada—inadequada etc. A auto-estima pode ser modificada, aumentando-a, ou diminuindo-a de maneira a passar despercebida pela própria pessoa e pelos outros, mas estará presente o tempo todo em nossa vida, ainda que não pareça existir por causa de tanta nulidade que se sente em relação a si mesmo, por enfrentar tantos obstáculos e tantas dificuldades sentidas no íntimo da pessoa ou advindas do mundo que nos cerca.

Retomando as discussões sobre a formação da auto-estima, Branden (2000:51) considera que a “auto-estima é formada por *fatores internos* e por *externos*”. Os fatores *internos* residem dentro do próprio indivíduo, são gerados por ele, isto é, idéias ou crenças, práticas ou comportamentos. Quanto aos *externos*, são os fatores do meio ambiente: as mensagens verbais ou não verbais que nos são transmitidas e produzidas pelos pais, pelos professores, pelas *pessoas significativas*, pelas organizações e pela cultura. Daí a importância de examinarmos como o indivíduo contribui para a própria auto-estima e qual é a contribuição dos outros.

Considera-se que a auto-estima é formada por fatores internos e externos e suas interações fazem parte da personalidade do indivíduo. Portanto, afirmamos que não se separa auto-estima da personalidade. Nessa mesma linha de pensamento, Briggs (2000:5) apresenta uma preocupação relevante e, ao mesmo tempo, uma certeza ao relacionar a auto-estima com a saúde mental, porque ambos são responsáveis pelo bem-estar psicológico da criança, do jovem ou adulto, principalmente ao afirmar que a “auto-estima é a mola que impulsiona a criança para o êxito ou fracasso, como ser humano e que a auto-estima elevada é o ingrediente mais importante da saúde mental das pessoas”. Acreditamos que tal afirmação tem por base a interação das idéias ou sentimentos que a pessoa tem sobre si mesma e do seu próprio valor formulada através das crenças e imagens repassadas pelos responsáveis na construção do auto-conceito. É preciso lembrar que toda criança tem necessidades psicológicas de se sentir amada e digna, elementos importantes para o seu bem-estar emocional. Para autora acima, quanto mais a criança sente-se amada, mais satisfatório será o seu desempenho, pois ela passa a gostar de si mesma, a confiar em si mesma. Consideramos que isso pode acontecer também com os adolescentes ao sentir-se amado pelos pais.

Seguindo esse ponto de vista, Lucas (2003:28) comenta que na “falta de auto-estima desenvolvem-se as diferentes formas de desequilíbrios mentais”. Uma demonstração desses desequilíbrios são as pessoas que se comportam com muita agressividade, expressando atitudes de dominação e de imposição para mostrar que é poderosa diante dos outros, sem motivo aparente, em qualquer lugar. Por outro lado, existem outras pessoas que apresentam um comportamento de muita dependência de relacionamentos gratificantes, como descreve o autor acima, “gosta de reconhecimento pelo que faz, de ser elogiado o tempo todo e de receber afeto dos outros, são pessoas que procuram ser muito prestativas para conseguir ter valor no conceito dos outros ou atraindo para si a proteção dos outros”. Entendemos que esses comportamentos indicam desequilíbrios psicológicos que podem ser graves ou não, mas em geral muitas dessas pessoas se apresentam com um comportamento amistoso e responsável em relação aos compromissos na escola ou no trabalho. Mas, não deixam de revelar que têm uma auto-estima comprometida.

Nos casos acima, consideramos que a auto-estima se apresenta num nível baixíssimo e com características negativas em todos os aspectos que envolvem o Self (auto-conceito, auto imagem, autoconfiança) distorcidas, de tal maneira que muitas vezes interpretam a auto-estima como inexistente.

Nesse sentido, entendemos que os sentimentos não podem ser controlados, eles são espontâneos, mas podemos controlar as reações quando externamos esses sentimentos. Todavia, acreditamos que eles poderão ser modificados ao longo da vida de cada indivíduo, dependendo da vontade própria de mudar, podendo acontecer com ou sem ajuda de profissionais, familiares e amigos.

Branden (2000:35) afirma que “qualquer que seja o nível da auto-estima, alta ou baixa ela tende a gerar profecias auto-realizadoras”. E que uma “auto-estima positiva é o sistema imunológico da consciência, provedor de resistência, força e capacidade de regeneração”. Mesmo assim, não é garantia de que a pessoa nunca ficará doente física e mentalmente, mas torna-a menos vulnerável a doenças e mais bem preparada para combater as doenças ou superá-las. A auto-estima saudável não é garantia de que a pessoa nunca sentirá ansiedade e depressão diante das dificuldades da vida, mas conseguem dar a volta por cima e superá-las com rapidez. Portanto, a auto-estima não impermeabiliza o sofrimento psicológico.

Por outro lado, Aragón e Díez (2004:71) ressaltam “que o nível da auto-estima alta ou baixa, não é suficiente para explicar o conjunto das reações de um indivíduo. É necessário levar em conta seu grau de resistência aos acontecimentos do cotidiano, provocando flutuações para cima ou para baixo na auto-estima”. É certo que algumas pessoas dão a impressão de não estarem assim tão seguras de si mesmas como gostariam. Elas fazem questão de exibir seu valor, evocando as próprias qualidades e os êxitos que alcançam. Mas, basta qualquer acontecimento do dia-a-dia, que elas reagem intensamente e mudam de comportamento, principalmente quando recebem críticas.

Portanto, o sofrimento psicológico aparece em qualquer nível da auto-estima. Cabe-nos minimizá-lo ou não, conforme as circunstâncias. Por isso, acreditamos que o nível da auto-estima tem profundas conseqüências em todos os aspectos de nossa existência como, atuar no local de trabalho, na escola, onde podemos chegar, quando podemos realizar – e, no domínio pessoal, como interagimos com o(a) cônjuge, namorado(a) filhos, amigos, professores, no desempenho escolar, no nível de felicidade pessoal como poderemos atingir. Evidentemente acrescentamos a essa lista as implicações que poderão acontecer no contexto educacional nos processos de aprendizagem, dentro das práticas educativas, no desempenho do rendimento escolar dos discentes, ou em relação aos professores(as). Da mesma maneira pensa Briggs (2000:05), ao destacar que “aquilo que a criança ou adolescente pensa de si mesma, influencia a escolha dos amigos, a maneira pela qual se entende com os outros”,

afetando assim a criatividade, inteligência, a produtividade e a estabilidade quer seja na vida escolar ou no trabalho futuro.

Seguindo essa linha de pensamento, André e Lelord (2000:26) apontam para a possibilidade da auto-estima ser de fato a soma de várias auto-estimas, ou seja existe auto-estimas específicas em diferentes domínios e que podem funcionar de maneira relativamente independente umas das outras. Por exemplo, pode-se ter uma alta auto-estima no domínio profissional e não tão alta no âmbito sentimental. Para a maioria das pessoas, entretanto, um sucesso ou um fracasso em determinado domínio terá, mesmo assim, consequências nos outros domínios. Em todas as nossas atividades, estamos quase sempre buscando satisfazer duas grandes necessidades, igualmente indispensáveis à nossa auto-estima: sentirmo-nos amados (apreciados, simpáticos, populares, desejados, etc) e sentirmo-nos competentes (com um bom desempenho, dotados, hábeis, etc). Por exemplo, gostamos de ser bons em determinado campo de conhecimento, mas também queremos ser apreciados pelos colegas, pelos professores, e na vida amorosa; não queremos apenas o amor de quem vive conosco: queremos que ele(a) nos admire e estime. A satisfação de apenas uma das necessidades não preencherá nossas expectativas, isto é, ser amado sem ser admirado e estimado; ser estimado sem se sentir apreciado é frustrante. Esses alimentos necessários ao nosso ego são tão mais indispensáveis quanto mais compreendermos que a auto-estima que é uma dimensão da nossa personalidade eminentemente móvel, às vezes alta, outras vezes baixa, por isso ela precisa ser alimentada com regularidade.

Na tentativa de compreender mais a auto-estima no desenvolvimento da personalidade, consideremos que para os seus objetivos, do ponto de vista da Miceli (2003:75) é mais importante entender a relação entre as avaliações e as aspirações da pessoa do que a maneira como ela se vê e se avalia. A autora justifica que “as pessoas têm pelo menos dois tipos diferentes de ‘querer ser’: primeiro, *o que gostaria de ser* – ou seja, seus desejos relacionados a ele mesmo, suas ambições e seus caprichos e – segundo, *o que pensa que deveria ser*, está baseado em alguma regra moral ou social”. Portanto, o que o indivíduo gostaria de ser é, na verdade, uma mistura de exigências que ele faz de si mesmo que servem de referenciais para a estrutura da personalidade.

A distinção entre os dois tipos de objetivos relacionados ao Eu, permite explicar por exemplo, quando a auto-estima da pessoa está ameaçada. Ela tem várias reações: pode ficar decepcionada, insatisfeita, desanimada ou pode se sentir culpada e se desprezar. Essas reações aparecem quando a pessoa *não é do jeito que gostaria de ser*, sente-se descontente e

desanimada ou quando *não é como deveria ser*, censura-se e se castiga com sentimentos de culpa e de desprezo. Tudo isso aponta para a existência de conflitos. Existem outros tipos de discrepâncias, entre aquilo que é (ou pensa ser) e aquilo que os outros gostariam que ele fosse; entre os desejos dos outros a seu respeito, como as expectativas a respeito do que deveria ser ou se tornar. A autora citada afirma que “para os objetivos da auto-estima, os desejos ou as expectativas alheias têm um papel menos central do que os da própria pessoa”, mas, não são desconsiderados.

Apoiando-nos nas concepções de Miceli (2003), traçamos o perfil de uma pessoa com alta auto-estima. Ela pode apresentar-se como uma pessoa segura de si, sentir-se convencida de ter boas probabilidades de sucesso pelo fato de ter uma história de êxitos na vida escolar, principalmente porque essa história alimenta as expectativas otimistas que ela tem perante a vida. Mesmo tendo sofrido algumas decepções, posiciona-se diante de uma tarefa como “desta vez vai da certo”, sente que outra situação difícil será como mais um desafio a enfrentar e aceita, para demonstrar aos outros, e a si mesma que é forte. Busca ser melhor naquilo que vai enfrentar, procurando superar seus próprios sucessos anteriores e para conquistar os objetivos que tem. Por exemplo, se o estudante teve um conceito bom, ele almejará sempre um ótimo.

Por outro lado, o perfil de uma pessoa com auto-estima baixa apresenta os seguintes comportamentos: quando está diante de qualquer prova, sente-se ansiosa e preocupada. Ela quer fugir e ficar em paz, demonstra ter dúvidas sobre o êxito de seus esforços. De fato, a lembrança das experiências passadas traz à tona os resultados de insucesso. Portanto, essa pessoa já imagina que vai enfrentar um fracasso pela frente. Muitos consideram situações novas como ameaças à auto-estima e não como desafios a serem superados, porque se consideram, e demonstram, que não são suficientemente capazes, interessantes e inteligentes. Por causa de seus temores, não aspiram a sucessos extraordinários; preferem resolver as coisas de qualquer forma, para evitar fazer um papel ridículo. Ela continuará sempre com profundas dúvidas a seu respeito, mantendo-se cautelosa, evitando confrontos por causa de seu medo de que sejam negativas. O fracasso é uma consequência, por isso sofre, fica deprimida e considera-se uma nulidade. O fracasso é mais uma confirmação de seu escasso valor. Por exemplo, no caso de um aluno que consegue nota 6 em matemática, se ele acredita em seu potencial, esse resultado é decepcionante; mas, se por outro lado for um aluno que nunca espera um bom resultado de si mesmo, apesar de ter estudado, para essa pessoa o resultado da nota 6 será considerado muito bom e até aceito com prazer.

Por isso, as auto-estimas, baixas ou altas, são diferentes. Essas diferenças dependem das convicções que as pessoas têm a respeito de suas próprias qualidades e as atitudes diante das provas da vida que direcionam suas reações principalmente quando são influenciadas pelas experiências anteriores de sucesso ou fracasso de seus comportamentos sociais.

Podemos explicar que os graus de auto-estima são diferentes a partir das experiências precoces que cada pessoa tem e são diferentes entre si, basicamente das inclinações inatas e educação que receberam e moldaram os auto-conceitos, da confiança em si mesmo, do equilíbrio emotivo e das expectativas. Cabe lembrar a questão do relacionamento familiar. Por exemplo, se o filho é criado num ambiente onde os pais confiam nas qualidades dele, dão-lhe crédito, reconhecimento e confiam-lhe certas responsabilidades, demonstrando-se serem capazes de enxergar fracassos e seus erros, certamente terá um referencial de apoio e crédito em relação aos pais.

Se por outro lado, o filho é criado num ambiente onde o afeto depende da estima, a criança está convencida de que para ser bem aceita precisa ser bem avaliada e de que uma avaliação negativa equivale a uma recusa afetiva. Sendo assim, a criança torna-se vulnerável às críticas e tende ao conformismo. Junto a essas experiências familiares conta muito as primeiras experiências escolares e sociais. Segundo Miceli (2003:99) “os sucessos e os insucessos podem deixar marcas muito profundas e duradouras, condicionando positiva e negativamente a confiança em si por muitos anos”. Por exemplo, as expectativas dos professores, mesmo quando não são reconhecidos como bons pelos alunos, podem exercer uma grande influência; a confiança do professor nas qualidades do aluno condiciona intensamente tanto o seu desempenho efetivo como a sua confiança em si.

Portanto, afirmamos que o nível de auto-estima e seu grau de estabilidade dependem da história pessoal e das experiências precoces vivenciadas pela pessoa. Apoiando-nos nas concepções de André e Lelord (2003:73) e Miceli (2003;123), destacamos que a associação do nível e a estabilidade da auto-estima resultaram numa classificação com quatro perfis de auto-estima, e através deles, compreendemos um conjunto de reações das pessoas. São eles: a) Auto-estima alta e estável; b) Auto-estima alta e instável; c) Auto-estima baixa e instável; d) Auto-estima baixa e estável. Consideramos relevante descrever os perfis da auto-estima, visto que, a partir das características apresentadas, o professor poderá identificá-las junto aos alunos, com quem mantêm contato no dia-a-dia, na sala de aula.

Quanto à *auto-estima alta e estável* – As circunstâncias exteriores e os acontecimentos normais da vida têm pouca influência sobre a auto-estima das pessoas com este perfil. A auto-

estima é sólida e resistente, embora apareçam algumas flutuações. Pouca energia gasta em autopromoção, principalmente em relação a imagem para se defender ou para se justificar em relação às críticas ou ao fracasso; escuta racionalmente as críticas. São pessoas emocionalmente estáveis, não perdem o controle e mantém coerência em suas palavras e atitudes; não se deixam abater pelo insucesso, reconhecem com serenidade as próprias fraquezas e incompetências; são construtivas, positivas, não têm medo da verdade, dos desafios da vida nem de suas inevitáveis derrotas.

A Auto-estima alta e instável – Tem flutuações da auto-estima em resposta a situações cotidianas; muita energia gasta na autopromoção, ressaltando seus êxitos ou qualidades de maneira excessiva; “gosta de aparecer” e contar vantagens dos feitos; tenta passar uma imagem de vencedor; muita energia gasta para se defender ou para se justificar em relação às críticas ou ao fracasso; reage com vigor à crítica e ao fracasso; tem uma escuta emocional das críticas. Pessoas com esse perfil, quando colocadas em contextos competitivos, reagem com vigor. Sentem-se facilmente agredidas e questionadas quando se encontram em contextos hostis ou críticos. Em caso de confronto, irritam-se com facilidade, podendo ser hostis com agressões verbais ou com brincadeiras violentas.

Em relação aos perfis da baixa auto-estima: - Auto-estima baixa e instável – é uma auto-estima sensível e reativa aos acontecimentos exteriores, sejam estes positivos ou negativos; a satisfação é passageira, principalmente quando aparecem dificuldades. As pessoas desta categoria se esforçam para oferecer a si mesmas e aos outros uma imagem melhor. Decidir ou escolher é muito difícil. Trata-se de um indivíduo a quem as pessoas não escutam muito. Quando expõe idéias, é com prudência, e respeitando as reações dos outros. Se o contradizem, sente-se logo desestabilizado e tem a tendência de se opor com firmeza à opinião adversa. Todavia, se sentir que o aceitam, ficará mais relaxado e explica-se melhor. É muito insegura a respeito de suas qualidades, não se expõe. É preocupada com as avaliações dos outros. Em caso de fracasso, prefere recorrer à auto-desvantagem ou salientar sua própria falta de empenho, afastando a suspeita de a razão ser a sua incapacidade. Não sabe muito bem até onde pode chegar.

b) Baixa-Estima estável – A auto-estima é pouco mobilizada pelos acontecimentos exteriores, mesmo os favoráveis. Não faz esforços para aumentar a auto-estima, tem convicção da inutilidade em buscar objetivos pessoais; consagra pouco esforço à promoção de sua imagem; o nível baixo da auto-estima é de alguma forma aceita e suportável. É preciso solicitá-lo para que ele fale e nesse caso, ele prefere endossar as opiniões emitidas antes dele.

Se insistem para que se explique melhor, tem-se a impressão de que ele se vê numa roda de suplícios. Nesses momentos, pode emitir pontos de vista bastante negativos.

Para Miceli (2003:129) existe uma auto-estima global e uma específica. A primeira é um conceito amplo a respeito do próprio valor aliás, antes de ser um conceito, é uma espécie de sensação de ter alguma importância, de ter valor, de merecer atenção, estima e consideração – ou de não merecê-las. A segunda, auto-estima específica, diz respeito a um setor particular de auto-avaliação: físico, intelectual, moral, social e assim por diante. Podemos ter uma auto-estima para cada domínio ou esfera de atividade. Além disso, cada auto-estima específica pode ter diferentes níveis de especificidade. Por exemplo, a auto-estima intelectual pode se entender a vários âmbitos, como o escolar, os culturais, os esportivos, e seus vários desdobramentos, o da vida prática. As auto-estimas pertinentes não são necessariamente parecidas entre si. O âmbito escolar, por sua vez, pode ter subáreas (as várias disciplinas), e assim por diante. Por exemplo: um aluno com alta auto-estima global, gosta de estudar, tem preferência pelas disciplinas das áreas exatas: física, matemática e outras. Entretanto, gosta também de futebol, participa dos treinos na escola, está convicto de que é um péssimo jogador, desajeitado com a bola e nos lances em campo, tem incentivo dos colegas e treinador, é persistente em seus objetivos, mas é consciente de que não leva jeito para o jogo, e se sente frustrado. Portanto, auto-estima específica do aluno referente à atividade escolar desportiva é baixa, visto que ele se sente frustrado, insatisfeito por não ser um bom jogador.

A auto-estima global e a auto-estima específica são duas coisas diferentes. O conjunto não corresponde à soma das partes. Pode acontecer que uma pessoa tenha obtido muito sucesso e tenha muitas auto-estimas específicas boas, mas tem um grande desprezo para consigo mesma ou, ao contrário, uma pessoa tem bastante orgulho de si, apesar de possuir muitas auto-estimas específicas bastante medíocres. Do ponto de vista de Miceli (2003:136), a auto-estima global mantém uma estreita relação com o bem-estar psicológico das pessoas, no que se refere aos sucessos ou fracassos nas várias áreas da vida. Quanto a auto-estima específica, ela permite prever o comportamento do indivíduo e o seu grau de sucesso ou fracasso em um determinado domínio da atividade.

Todo ser humano tem um potencial de aprendizagem e capacidade de crescimento de caráter contínuo e ilimitado que pode ser analisado a partir da sua história de vida. Portanto, os limites para explorar, experimentar esse potencial, cada um faz o seu, e, em geral, a pessoa o faz de acordo com a maneira que os percebe como significativos para sua vida.,

podendo ter sucesso ao superar as dificuldades que surgirem ou sentir-se fracassado por não superá-las.

Isso, evidentemente, se choca com a idéia, já ultrapassada, de limitação, egoísmo, agressividade e violência como elementos básicos inerentes ao ser humano. Atitudes ou atuações desse tipo correspondem, justamente, aos limites que estabelecemos para nós em resposta aos condicionamentos educativos geralmente utilizados. Por meio da educação, familiar ou escolar, é possível haver conscientização de nosso valor e importância. Se não estivermos satisfeitos com a maneira como levamos nossa vida e nossas relações e nos damos conta disso, em todo e qualquer momento podemos agir para mudar nossas atitudes e estratégias vivenciais, para sermos a causa e não o efeito de nossa vida. Portanto, tudo isso significa que podemos mudar os pensamentos e as atitudes que considerarmos inadequados a nós mesmos.

Se aceitarmos a perspectiva de que o ser humano age segundo condicionamentos educativos e ambientais que interferem na formação, naturalmente positiva de sua personalidade, poderemos também aceitar que somos capazes de mudar a sociedade, alterando as mensagens condicionalmente enviadas às pessoas desde a infância, na família, na escola e no meio em que vivemos. O condicionamento psíquico do indivíduo na formação da sua personalidade, é fato inegável. Na realidade, o trabalho pessoal de crescimento e amadurecimento da pessoa baseiam-se no crescimento da existência e superação do próprio condicionamento. Daí a importância da atenção à auto-estima na escola.

O caráter da pessoa auto-realizadora se desenvolve na auto-estima, firma-se e reforça-se desde a infância, dentro das famílias que querem a criança como ela é de forma incondicional, e não pelo que querem que ela seja. Pessoas criadas em um ambiente como esses estão livres do peso de terem de provar seu próprio valor e importância, uma vez que os têm assumidos desde o princípio, como algo natural. Conseqüentemente, agem com essa perspectiva e obtêm resultados bastantes satisfatórios, num processo de superação e aprendizagem permanentes.

Na motivação para estudar, por exemplo, um aluno que encara o estudo como aprendizagem e não como obrigação ou ônus, seus resultados são geralmente excelentes. Aqueles que não tiveram uma interação familiar ou escolar voltadas para autonomia com responsabilidade própria, permanecem parcialmente com dificuldades nas relações e no aprendizado, principalmente nos primeiros anos escolares, mas podem adquirir o sentido e o valor da auto-realização e a auto-estima quando se interagem na escola. Como educadores,

devemos entender qualquer aluno, para que ele se aceite e respeite a si mesmo; precisamos aceitar que o aluno merece ser querido e tratado de maneira respeitosa, pelo simples fato de ser uma pessoa. O pressuposto do trabalho pessoal para uma auto-estima melhor é que aprendamos a nos respeitar pelo que somos e a respeitar igualmente os outros pelo que são. Entenderemos, por respeito, a consciência e aceitação das diferenças pessoais, das idéias e da forma de ser de cada um. O respeito mútuo, como elemento básico em qualquer tipo de relacionamento saudável e efetivo, tem de ser assumido na família e em todas as instituições que contribuem para a educação, seja na escola, na igreja, no local de trabalho, lazer, etc.

Não podemos desconsiderar a importância da auto-estima. Seu impacto não necessita nem de nosso entendimento, nem de nosso consentimento. Ela faz o seu trabalho dentro de nós, saibamos disso ou não. O papel da auto-estima em nossa vida ultrapassa um senso inato de valor próprio. De acordo com Branden (2000) a auto-estima, quando é alta e estável, revela que somos adequados para a vida e suas exigências.

O padrão básico da auto-estima, segundo Branden (2000:22), “é confiar nas próprias idéias e saber-se merecedor da felicidade é a essência da auto-estima.” O poder dessa convicção a respeito de si mesmo é um fator motivacional, que inspira o comportamento. Essa convicção é diretamente afetada pela maneira como agimos. A relação casual flui em ambas as direções. Há um contínuo fluxo de efeitos recíprocos entre nossas ações no mundo e a nossa auto-estima. O nível da nossa auto-estima influencia nossos atos e a maneira como agimos influencia o nível da nossa auto-estima.

Aragón e Diez (2004) e Branden (2000), afirmam que a auto-estima tem dois componentes inter-relacionados, que são os alicerces de uma auto-estima saudável. Na falta de um deles, a auto-estima fica prejudicada. Ambos têm características que definem o termo e representam a essência da auto-estima. Um deles é um senso básico de confiança diante dos desafios da vida: a *auto-eficiência*. O outro, um senso de merecer a felicidade: o *auto-respeito*.

Todavia, os autores acima ressaltam que a “vivência da *auto-eficiência* gera a sensação que a pessoa tem de sua própria vida, sensação que está associada ao bem-estar psicológico”, isto é, ela sente que é dona integralmente da própria vida – diferentemente daquela pessoa que tem uma sensação inversa apresentando-se como um mero espectador passivo e sentindo-se vítima de tudo que acontece em sua vida. A *auto-eficiência* significa confiança na capacidade para pensar, compreender, apreender, escolher e tomar decisões; é a confiança em nossa capacidade para entender os fatos da realidade que pertencem à esfera dos nossos interesses e necessidades, tendo autoconfiança e segurança pessoal. Enquanto, que “o

auto-respeito significa a certeza de se ter valor como pessoa; é uma atitude de afirmação de nosso direito de viver e de ser feliz”; é sentir-nos confortáveis ao expressar de maneira apropriada nossas idéias, vontades e necessidades; é a sensação de que o prazer e a satisfação são direitos naturais.

Considerando a importância da auto-estima em nossas vidas, acreditamos que cada vez que pensamos sobre nossa existência, mais argumentos temos para concluir que nascemos merecendo felicidade, e estar vivo é como se tivéssemos recebido créditos para serem usados ponderadamente, de maneira coerente, quer sejamos saudáveis ou não fisicamente, com problemas ou não, com defeitos físicos ou não. Quaisquer que sejam as condições da pessoa, ela pode aproveitar, da melhor maneira, a vida, sempre com respeito e responsabilidade por si e pelo outro e sentindo felicidade.

Branden (2000,19) esclarece ainda que a vivência do *auto-respeito* torna possível a sensação de uma pessoa merecedora de sucesso e de felicidade. Portanto, a percepção de si mesma como alguém a quem são próprias as vivências de realização, sucesso, respeito, amizade e amor. Se a pessoa se sente incapaz para enfrentar os desafios da vida, se não tem confiança em suas próprias idéias, sejam quais forem suas outras qualidades, se uma pessoa não tem respeito por si mesmo, desvaloriza-se e não se sente merecedor de amor e respeito da parte dos outros; se tem medo de expor suas idéias, vontades e necessidades, acha que não tem direito à felicidade, reconheceremos uma auto-estima baixa, deficiente. Auto-eficiência e auto-respeito são os dois pilares da auto-estima saudável. A própria eficiência gera o senso de controle sobre a própria vida, que associamos ao bem-estar psicológico; em contraste, é manter-se um espectador passivo e uma vítima dos acontecimentos.

A partir das idéias do autor acima, entendemos que o nível de nossa auto-estima tem profundas conseqüências em todos os aspectos de nossa existência, inclusive que nível de felicidade pessoal poderemos atingir, ou como atuar em nosso local de trabalho, como lidar com as pessoas, até aonde podemos chegar, quanto podemos realizar na vida pessoal ou além dela. Podemos entender estas conclusões com o seguinte exemplo: quando se permite que a criança seja dona de seus sentimentos, de suas próprias reações, causamos um forte impacto sobre a sua auto-estima e, com isso, permitimos que ela diga para si: “É bom ser como sou”. Percebemos que as experiências íntimas dessa criança são legítimas, mesmo quando diferem das experiências de sua própria família. A criança, com essa convicção, não se esconde atrás de fingimentos, nem procura impor suas percepções aos outros. Como resultado, ela se entende melhor com os amigos, professores, familiares e outras pessoas.

É nesse sentido que essas idéias facilitam a compreensão de que a auto-estima alta ou saudável correlaciona-se com racionalidade, realismo, intuição, criatividade, independência, flexibilidade para admitir e corrigir erros, benevolência e cooperação. Por outro lado, a auto-estima baixa correlaciona-se com irracionalidade, cegueira diante da realidade, rigidez, medo do novo não familiar, conformismo ou rebeldia impróprias, com postura defensiva, comportamento submisso ou supercontrolador e medo dos outros ou hostilidade em relação a eles. É possível ver uma lógica nessas correlações. As implicações para a sobrevivência, a capacidade de adaptação e a satisfação pessoal são óbvias. Quanto mais sólida for a nossa auto-estima, mais bem preparados estaremos para lidar com os problemas que surgem em nossa vida pessoal e profissional, mais rápido conseguiremos nos erguer depois de sofrer um ‘tombo’ na vida e mais energia teremos para recomeçar.

A auto-estima é uma necessidade, visto que ela tem uma participação essencial e indispensável ao desenvolvimento normal e saudável da vida das pessoas, se o significado de necessidade é aquilo que é exigido para o nosso funcionamento efetivo. Portanto, notamos que às vezes a falta de auto-estima pode de fato resultar em atitudes inadequadas consigo mesmo, por exemplo, usar drogas em excesso, dirigir um carro de maneira perigosa ou cometer suicídio. Entretanto, para a maioria das pessoas as conseqüências da auto-estima baixa são sutis e menos diretas. No entanto, Branden (2000), menciona que “os pensamentos negativos têm muito mais poder sobre nós do que o positivo”. Acreditamos que tal afirmação se justifica pelo fato dos pensamentos negativos serem impactantes e transgressores à própria pessoa. Dessa forma, se não acreditamos em nós mesmos, nem em nossa eficiência, nem no que temos de bom, tudo e todos parecem ameaçadores.

Uma auto-estima baixa pode só trazer frustrações. Revela-se muitas vezes nas aspirações das pessoas que são sempre sabotadas; nas idéias promissoras que morrem antes de nascer; na incapacidade para desfrutar os sucessos; em hábitos inadequados aos estudos ou destrutivos de vida como drogas e alimentação; em sonhos que jamais serão realizados; em ansiedade ou depressão, na persistente vulnerabilidade a doenças; em filhos que não aprendem nada sobre auto-respeito ou o prazer de existir.

A necessidade de termos a auto-estima é o resultado de dois fatos básicos, ambos intrínsecos à nossa espécie. O primeiro, é que dependemos do uso apropriado de nossa consciência para sobreviver de forma satisfatória, pois nossa vida e nosso bem-estar dependem de nossa capacidade de pensar. O segundo, é que precisamos usar corretamente

nossa consciência, que significa ter responsabilidade pessoal. Portanto, concluímos que nossa vida e nosso bem-estar dependem do exercício apropriado de nossa mente.

Como auto-estima é uma consequência, um produto de atitudes geradas internamente, não podemos trabalhar de forma direta nem com a nossa nem com a de ninguém. Temos de nos reportar à fonte. Se entendermos o que são essas atitudes, podemos nos empenhar para iniciá-las dentro de nós e lidar com os outros de modo a auxiliá-los e encorajá-los a fazer o mesmo. Incentivar a auto-estima nas escolas e no ambiente do trabalho, por exemplo, é criar um clima que apóie e reforce as atitudes que a fortalecem. Essas atitudes são fundamentais, por isso Branden (2000:95) identificou-as como “os seis pilares da auto-estima”, que são: 1) a atitude de viver conscientemente; 2) a atitude de auto-aceitação; 3) a atitude da auto-responsabilidade; 4) a atitude da auto-afirmação; 5) a atitude de intencionalidade; 6) a atitude de integridade pessoal. É importante compreender a importância de cada uma dessas atitudes, de maneira que escolhê-las como uma prática diária e integrada na vida, significa sustentar e fortalecer a auto-estima.

Nem sempre é necessário que alguém seja especialista para identificar quando uma pessoa está com auto-estima baixa ou alta, visto que ela penetra na identidade das pessoas e não há como escondê-la totalmente. Dessa maneira experimentam seus próprios sentimentos, sensações e imperfeições que têm em relação a si mesmo, como uma demonstração clara de que temos uma estrutura psíquica vulnerável desde criança. Durante toda a vida, nós buscamos meios para satisfazer as nossas necessidades de sermos aceitos, respeitados, reconhecidos, amados pelos outros mesmo quando alcançarmos nossos objetivos profissionais e educacionais, principalmente quando estes fazem parte de um jogo de interações internas e externas que constituem nossas relações. Nessa perspectiva, enfatizamos que dentre tantos objetivos que temos, enquanto professora da rede pública de ensino, destacamos o de disseminar que o objetivo do sistema educacional é promover o crescimento das pessoas. E por consequência, sabemos que a auto-estima e as expectativas dos professores determinam em alto grau as conquistas de seus alunos, viabilizando assim os processos de crescimento.

Sendo assim, procuraremos no capítulo seguinte aprofundar mais a auto-estima e o desenvolvimento sócio-afetivo da criança à adolescência nas relações educacionais.

CAPÍTULO II

A AUTO-ESTIMA E A CONSOLIDAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO

SÓCIO-AFETIVO DA CRIANÇA À ADOLESCÊNCIA

“Para alguns, a escola é seu segundo lar; para outros, o único e, para não poucos, uma prisão. Minha avó quis que eu tivesse uma educação; por isso, não me mandou à escola.” (Margaret Mead).

2.1 – A auto-estima nas relações educacionais: a importância da formação do professor

Durante anos, a instrução mínima era exigência das sociedades que trilhavam a democracia e muitas continuam perseguindo esse objetivo, embora estejam longe de alcançá-la integralmente. Ao mesmo tempo, muitas outras tentam acompanhar uma avalanche de mudanças que acontecem no mundo. Estão sendo transformadas de sociedades industriais em sociedades informacionais e de nacionais em internacionais. Em consequência, grandes transformações sociais são enfrentadas pela sociedade brasileira, particularmente no contexto educacional; mas, tais mudanças se processam lentamente. Sem dúvida, não poucos pensadores, diretores, educadores, profissionais da educação de diversas áreas, políticos, pais e educandos estão começando a tomar as rédeas da situação brasileira no sentido de sensibilizar, conscientizar e agir para que mudanças necessárias ocorram no sistema educacional Brasileiro.

Por décadas, a realidade colocada pelos modelos educacionais implantados no Brasil e

em outros países, não considerava a dimensão afetiva que o aluno traz como bagagem psíquica e a articulação desta com os processos intelectuais. Diante dos aspectos estruturais que se apresentam no sistema educacional brasileiro atualmente, continuamos a acreditar que permeia o objetivo de facilitar o processo de *tornar-se pessoa* dos educandos, por entendermos que há uma disseminação de conhecimentos na sociedade em geral, principalmente nos meios acadêmicos, nas instituições de educação públicas e privadas com discussões, debates focando as mais diversas abordagens teóricas e práticas do novo saber pedagógico. Evidentemente estamos conscientes de que isso não acontece na totalidade do país, tanto quanto posso afirmar que essas idéias muitas vezes se firmam nos discursos, porém, nas práticas educativas fica a desejar. Entretanto, vale destacar que *tornar-se pessoa* no contexto educacional perpassa pelo entendimento das idéias de Vygotski (1991:38), quando ele afirma que o desenvolvimento da aprendizagem está interrelacionado com o meio físico e social, onde a criança realiza uma série de aprendizados, observando, experimentando, imitando e recebendo informações das pessoas que a cerca. Afinal, ela é membro de um grupo sócio-cultural. Dessas relações resulta o seu desenvolvimento mental que vai se transformando, assim como o seu meio, numa construção permanentemente dinâmica.

A educação acontece do contato com os outros. As potencialidades e as habilidades das pessoas moldam a dimensão e a estrutura de cada um de nós. O ensino oferece mais recursos para a educação, na medida em que os adultos e educandos transitam pelos conhecimentos, estabelecendo teias de relações entre o que se conhece e o que se há de conhecer, nos encontros e nas infinitas combinações dos conteúdos disciplinares e de relacionamentos.

Quanto à formação do professor, acreditamos que é necessária uma mudança pessoal e institucional voltada para uma visão interligada que culmina na compreensão do aluno e do processo ensino-aprendizagem como um todo. Considerando que o aluno é alguém que deve ser visto não só como um ser humano global, constituído do corpo, e razão, mas também de emoção e psiquismo, como afirma Branden (2000:212) ao dizer "... se a educação apropriada inclui a compreensão de que é preciso pensar, deve incluir também a compreensão dos sentimentos". Entender o educando como um todo, requer do professor, conhecimento do outro, enquanto pessoa, além dos conhecimentos específicos de sua profissão, da responsabilidade assumida e da importância de se capacitar para a tarefa de educar com suficiente abertura e aceitação de si mesmo, como pessoa e do educando, para que o processo de ensino-aprendizagem se efetue satisfatoriamente, efetivando seus objetivos educacionais.

Faz-se necessário que o professor(a) tenha como prática cotidiana o autoconhecimento, possibilitando dessa maneira uma mudança de atitude do próprio professor, a partir do reconhecimento de suas próprias dificuldades, seus defeitos e erros, o que certamente não é uma tarefa fácil. O crescimento pessoal professor/aluno, exige estabelecer uma boa relação consigo mesmo e com os outros e acima de tudo com respeito mútuo.

Pensando assim, Rogers, (1982:47), estudioso de temas educacionais, alertava que “provavelmente o próprio sistema educacional é a mais influente de todas as instituições, superando a família, a igreja, a política e o governo no que se refere ao moldar da política interpessoal da pessoa em crescimento, de tal modo que promove antes alunos conformistas do que alunos criativos, independentes e responsáveis”. O referido autor considerou que o aluno conformista de Blaustein (citado por Rogers.1982:269) é aquele que cumpre ordens, espera diretrizes, que só se sente valioso se os outros o aprovam. Outras pessoas decidem por ele, é dependente, obedece e é complacente e imita a perfeição.

É provável que nós mesmos tenhamos sofrido as conseqüências de um sistema educacional que promoveu o conformismo e a obediência sem limites, acima da liberdade de pensamento e expressão e da crítica sincera, construtiva e honesta.

Entendemos que as idéias de Rogers (1982) sejam muito pertinentes para esclarecer o processo do crescimento pessoal dos educandos que estão sob cuidados da escola, ao mesmo tempo que acontece a estruturação da sua auto-estima, mesmo sob influência do sistema educacional. A sociedade deve assimilar a idéia de que a auto-estima é um dos elementos básicos de importância crucial para o desenvolvimento e formação da personalidade dos alunos e das pessoas em geral. Ressaltamos que tudo isso deve-se primeiramente à família, por fazer parte do processo educativo inicial da criança, pois acontece antes mesmo dela ser inserida no sistema educacional formal (pré-escola, ensino fundamental, ensino médio, profissional, tecnológico e universidade) bem como a carga de influências será igualmente significativa nas organizações trabalhistas e religiosas que são instituições importantes, nas quais desenvolvemos o nível de auto-estima, seja este alto ou baixo durante a vida. Qualquer que seja o nível da auto-estima, sua manifestação pode significar que assumimos a responsabilidade por nossa própria vida.

É possível que algumas pessoas sequer pisem numa escola ou só assistam a um, dois e não muitos anos mais de aulas. De todo modo, a importância do sistema educacional em nossa auto-estima não depende do número de anos frequentados na escola, mas como foram estes anos escolares, se foram significativos ou não para a criança. Entretanto essa

influência não se limita apenas ao período da infância, como dissemos anteriormente, mas durante toda a vida seremos afetados de alguma forma.

Nesse contexto, Briggs (2000:162) enfatiza que “as crianças ao entrarem para a escola, já têm atrás de si cinco ou seis anos de aprendizado”, possivelmente fundamentada nas idéias de Vygotski (1991) quando afirma “há necessidade da criança estabelecer desde a mais tenra idade uma relação estável com uma ou mais pessoas em seu ambiente”, porque é no período da infância, ao interagir com pessoas adultas (pais) ou responsáveis, que dessas relações desenvolvem-se laços afetivos, construindo suas habilidades (perceptivas, motores, cognitivos, lingüísticos, intelectuais) e, principalmente, quando se estabelece relações com objetos físicos, concepções ou com outros indivíduos, onde estão presentes as emoções, (Davis.1994:81), fazendo com que a criança se diferencie das outras.

Queremos destacar a importância do papel da socialização, sobretudo nos primeiros anos de vida da criança, em cujas etapas do desenvolvimento é relevante aquilo que os outros pensam da criança ou seja, a imagem dela que lhe enviam de volta – torna-se progressivamente aquilo que a criança pensa de si mesma. Essa relação com os outros diz respeito as figuras de afeto de pais ou responsáveis, e são referências para a criança na aquisição de valores e das normas sociais. Com essas pessoas, a criança instaura uma relação afetiva e de dependência. Miceli (2003:27) afirma que “os outros significativos, transmitem à criança, mais ou menos implicitamente, aquilo que gostariam que ela fosse, e a criança introjeta também essas expectativas como valores do seu EU ideal, ao qual tenderá adequar-se”. Dessa mesma maneira acontece com os adolescentes e adultos; os outros funcionam como espelhos, e nós tendemos a nos ver assim como eles nos vêem, a nos julgar como eles nos julgam.

Para a autora acima, a sociedade propõe normas e expectativas, algumas explícitas e muitas outras implícitas, sobre como deve ser e como deve se comportar um homem, uma mulher, um operário, um professor, um aluno, um cidadão. Cada pessoa, nos vários papéis que passa a desempenhar, tenderá a adequar-se a essas expectativas e o seu autoconceito será influenciado pelo grau e pelo modo com que lhes correspondem. Entretanto, à luz dessa influência entre o EU público e o EU privado, nem sempre os ‘EUs’ tendem a coincidir, pois as diferenças existem. É na escola, através da ação docente, que estas normas serão ou não trabalhadas conforme os contextos sócio-culturais e econômicos dos alunos.

Nessa interação, *a criança constrói as suas funções mentais superiores*, como afirma Vygotski (1991), visto que, os padrões de comportamento perceptíveis nesse período

constituíram uma estrutura original a partir do qual se desenvolvem os estados puramente mentais, sendo posteriormente “interiorizados,” seja uma fantasia, uma emoção ou um sentimento. De igual modo, nesse período é formada a personalidade da criança como defende Freud (apud Davis;1994:82). Destacaremos a seguir, porém de maneira resumida, as idéias de Freud sobre a estruturação da personalidade.

A teoria de Freud sobre motivação foi baseada, solidamente, na aceitação da hipótese de que *os instintos são as únicas fontes de energia do comportamento humano* (Hall, 1984:31). A criança, ao nascer, tem uma estrutura psíquica chamada Id. Para agir, o recém nascido conta com essa estrutura como um reservatório de energia (fonte de prazer). À medida que cresce, ela vai redistribuindo essa energia para outros elementos que possam representar fontes de prazer e começa a perceber que nem sempre seus desejos são satisfeitos. É nesse contato com o mundo que se vai formando outras duas estruturas psicológicas derivadas do ID: EGO e o SUPEREGO. O ego é a parte da psique que contém as habilidades, os desejos aprendidos, os medos, a linguagem, o sentido de si próprio e a consciência. Ele é o organizador da personalidade. Já o Superego é a censura de controle sobre o poder dos impulsos numa dada situação. São as normas internalizadas. Para Freud, a criança atravessa vários estágios de desenvolvimento que para ele estariam ligados aos lugares do corpo que servem como fonte primária de prazer. O desenvolvimento da personalidade seguiria um padrão fixo, com estágios determinados, de um lado, pelas mudanças biológicas no corpo e, de outro, pelo tipo de relacionamentos que a criança estabelece com adultos significativos do seu meio, em especial com o pai e a mãe. (Davis,1994:83). O período da infância que Freud postula ser especialmente vulnerável a traumas é de 0 a 6 anos de idade.

Portanto, o tratamento e a atenção que a mãe, o pai, o professor e ainda outros adultos fornecem à criança, interagindo com os desejos e as necessidades vivenciadas pela criança, envolvem às ligações que o ser humano estabelece com outras pessoas, com o mundo que o cerca, fazendo com que ela se diferencie das outras pessoas. Para as crianças, adolescentes e jovens, cujas experiências na família foram de tal natureza que neles promoveram a auto-estima, o sistema educacional pode ser ocasião para a reafirmação de seu autoconhecimento, auto-aceitação e independência. Dessa forma, no ambiente da escola, através do professor e dos colegas, que são dotados de auto-estima, promoverão o que trazem de seu lar: amor, e sentido de competência ou valor, desejo de realização e comportamento respeitoso.

Para aqueles alunos cujas famílias não existiram e que viveram prematuramente o horror da solidão, da desvinculação e do abandono, ou existiram, mas nelas sofreram as

incongruências dos maus-tratos, da arbitrariedade e do abuso de alguns pais destrutivos, muitas crianças carentes de auto-estima serão portadoras de rancor e sentimentos de inadequação que se manifestam em comportamento agressivo, às vezes passivo ou dependente, e que afeta muitas vezes todos os que a cercam, repercutindo no ambiente escolar mais próximo da criança, que é a sala de aula. De igual modo, acontece com os adolescentes dentro da sala de aula, onde eles se revelam longe dos olhos dos pais. Diante desse quadro, o sistema educacional pode ser sua segunda oportunidade ou, também, uma nova barreira que os separe e afaste ainda mais do encontro consigo mesmo. Contudo, em seus postulados, Freud (1829) considera que a separação dos pais ou a perda dos laços afetivos pode ser traumática em relação ao desenvolvimento físico, social, intelectual e cognitivo da criança.

No processo da escolarização, a criança continua seu desenvolvimento físico e psicológico, juntamente com os pais, professores e amiguinhos, o que permite maior autonomia pessoal da criança. Branden (2000:50) considera que “*a auto-estima da criança/adolescente é a confiança que ela tem em sua capacidade de lidar com os desafios básicos da vida*”, um deles consiste no relacionamento com os outras pessoas, cujos vínculos afetivos são estabelecidos através dessas interações. E nessa construção de si próprio surge a auto-estima, por vezes manifestada como baixa ou alta, com a qual a criança pode reconhecer que ela própria é construtora de sua auto-estima. Todavia, cabe ao professor administrar e observar se os alunos conseguem vencer desafios no ambiente escolar, tanto dentro como fora da sala de aula, sendo assim um mobilizador essencial para o crescimento da auto-estima do aluno.

Por outro lado, o sistema educacional pode promover experiências que destroem as conquistas obtidas em uma família que promoveu uma boa auto-estima. Destacamos que os adolescentes muitas vezes enfrentam sérias dificuldades em seu desenvolvimento emocional. Queremos destacar que a adolescência é conhecida como uma fase da idade crítica, alguns associam sempre como a idade da crise e de turbulências emocionais. Crise pressupõe elementos de discrepâncias: era criança, tinha um corpo definido; agora na adolescência, aparecem as mudanças internas e externas. É certo que acontece significativo desenvolvimento biológico, emocional, sócio-afetivo, etc. Tudo isso gera conflitos: os adolescentes sofrem com medos, perdas, problemas de relacionamento com seus pares, familiares e educacionais, que passam a ser mais potencializadas nessa fase. Apoiando-nos nas idéias de Erikson (1976) todas essas transformações contribuem para a construção da

auto-identidade. Por isso, a crise do adolescente pode-se dizer que é uma evolução normal e decisiva na construção da identidade, mas caracteriza um abalo em sua auto-estima, provocado pelo sentimento de não saber como lidar com as situações envolvidas e tornando assim, a auto-estima muito flutuante, ora em alta ora em baixa.

Nesse sentido, Voli (1998) relaciona a auto-estima com a educação, enfocando a ação educativa, principalmente na questão da afetividade na relação professor/aluno. Com o estabelecimento dos vínculos, há possibilidade do processo de ensino-aprendizagem se efetuar satisfatoriamente, considerando que nessas interações vêm à tona as emoções, sentimentos, atitudes e valores dos alunos, aspectos tão importantes quanto a inteligência do educando. Assim, podemos considerar que tanto a afetividade como a inteligência são mecanismos de adaptação, que permitem ao educando a construção de noções sobre as situações, os objetos e as pessoas, relacionando-lhes atributos, qualidades, valores e uma visão de mundo. Nesse contexto, Freud (Apud Davis. 1994:82) afirma, que “o afeto pode ser entendido como energia necessária para que a estrutura cognitiva seja ativada, ela influencia a velocidade com que se constrói o conhecimento”. Portanto, conseqüentemente, quando as pessoas se sentem seguras aprendem com mais facilidade. O desempenho intelectual do aluno pode ser prejudicado pelos bloqueios emocionais, isto é, o clima psicológico que o cerca exerce uma forte influência sobre o funcionamento mental. Os alunos precisam dos professores para desenvolver sua auto-estima, respeito e motivação positiva, além de conhecimentos essenciais para desenvolver-se, bem como o gosto pela própria formação.

Já Dolle (1993), mais na linha dos sinais perceptíveis, reforça que a afetividade está implicada com as significações:

“A afetividade, nas relações interindividuais, se alimenta unicamente do sentido e que é este quem a estrutura, desequilibra, equilibra e reequilibra. O gesto, até mesmo discreto, o brilho no olhar, etc, são tão expressivos quanto as palavras. Dito de outro modo, a afetividade em ato fala aquele que a recebe porque ela tem um sentido e informa sobre o estado daquele que a leva a falar, sobre suas intenções, seus julgamentos, sua disposição de espírito com relação ao destinatário, etc” (ibid.p. 120).

Para o autor, a afetividade como estado não age por si só, mas pelas manifestações e reveladas em múltiplas e diversas condutas (sorrisos, choros, carícias, gestos, olhares ternos, sombrios, tristes, etc). Enfatiza que não é possível separar a afetividade de suas manifestações, tanto como não há possibilidade de separar estrutura e funcionamento de psicologia.

Assim, conforme *Dolle*, a afetividade exerce sobre si mesma um certo poder. Qualquer que seja o sujeito, por mais dinâmico que possa ser, geralmente pode tornar-se fraco e apático, por efeito de uma decepção ou fracasso. Para o autor, um encorajamento ou uma acusação, assim como uma simples palavra pronunciada num tom diferente do habitual, são suficientes para desestabilizar o aluno. Certamente, não está se referindo a uma desestabilização grave, mas que não deixa de afetar os equilíbrios internos, ou o que chamamos de moral.

Diante das idéias destacadas, entendemos que os afetos, assim como os gestos e as palavras, são carregados de sentido, ou melhor, são produtores de sentido, num conjunto de significações circunscritas por representações simbólicas, postas em ação por determinação do inconsciente e vivenciadas na inter-relação entre sujeitos, no envolvimento e no interesse de um sujeito a outro. Dessa relação vincular (com pais e irmãos), a criança/adolescente vai estabelecendo padrões de relacionamento que, posteriormente, são transferidos, na escola, para o professor e os colegas.

Na formação do profissional em educação é imprescindível conhecer algumas etapas do desenvolvimento psicológico do aluno e dos processos cognitivos relacionados a cada etapa, bem como os aspectos que envolvem a auto-estima do aluno e do próprio professor. Tais conhecimentos permitem uma reflexão e compreensão sobre o comportamento do aluno e do professor, possibilitando desta maneira ampliar os horizontes dos professores na busca de se instrumentar no dia-a-dia de sua prática formadora.

Portanto, Branden(1998:54) referindo-se ao papel da escola de anos passados, menciona que “a escola não era o lugar para aprender a pensar de forma independente, onde estimulasse a auto-afirmação, onde alimentasse e fortalecesse a autonomia”. Era um lugar para aprender a adaptar-se a um sistema anônimo criado por outras pessoas sem nome, denominado o mundo ou a sociedade, ou ainda a forma de ser da vida. E não se questionava à *forma de ser da vida*.

Apesar de ser uma constatação do autor sobre uma realidade passada, entendemos que a educação brasileira mantém esse modelo, sendo vivenciada no presente, por muitas escolas públicas e privadas. Percebemos que não é um *problema/solução* exclusivo dos países considerados desenvolvidos, a exemplo dos Estados Unidos da América, onde reside o autor. Estes, muitas vezes, camuflam com mais aparatos suas irregularidades, imperfeições educacionais, diferentemente dos países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos, os quais chamam mais atenção por serem carentes em todas os aspectos, tornando-se assim, em sua maioria, como reféns daqueles que detêm o poder de “mandar” no país, seja no âmbito

regional, nacional ou internacional.

Sabemos que ainda faz parte de uma prática educativa cotidiana de uma pedagogia que segundo Voli (1998:15) “é nociva e pernicioso para alunos, que consiste em adotar métodos como a vergonha e a culpa para obter disciplina e resultados acadêmicos e comportamentos condizentes com as expectativas dos professores e pais”. Essa prática no ambiente escolar é para o autor a causa principal da desmotivação e renúncia à própria autenticidade e autoestima dos alunos, desde a infância, com a conseqüente interrupção ou atraso em seu amadurecimento, total ou parcial, dependendo do caso.

Entretanto, não devemos desconhecer a importância das boas escolas, dos professores influentes e dos currículos flexíveis, ligados aos interesses das crianças. No sistema educacional, infelizmente *ser bom cidadão* foi com freqüência confundido com aprender e respeitar as normas sociais vigentes, isto é, ser conformista e obediente à autoridade, sejam eles pais, professor, diretor e governantes. Muitas vezes, esse cidadão torna-se um agente passivo nessa relação, quando não questiona, não crítica ou não opina. Em suma, como ser o que “outros” decidem que sejamos sem saber quem são esses “outros”.

Lembramos que Freire (1970:58) descreve essa maneira de educar assim,

“[...] aos alunos que fazem parte de uma educação bancária onde a prática é que o aluno fixa, memoriza, repete, sem perceber realmente o que significa. Sendo a educação um ato de depositar, quanto mais o professor ‘vai enchendo os recipientes’ com seus ‘depósitos’, tanto melhor educador será. E mais o aluno se deixa ‘encher’, tanto melhor educandos”.

A obediência dos alunos era avaliada, entre outras formas, pela rapidez e precisão com que executavam qualquer coisa que nos mandavam fazer, não importando se não entendêssemos ou não soubéssemos que sentido tinha. Observamos que muitas escolas continuam com esse mesmo modelo, como uma forma de “anular o poder criador dos educandos ou minimizá-los, dessa forma estimulando a sua ingenuidade e não a sua criticidade, satisfazendo os interesses dos opressores: para estes, o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação”. Freire (1970:60). Cabe aqui um paralelo com as idéias de Rogers (1980:47) ao descrever o aluno conformista, isto é, aquele que não questiona, não opina, somente aceita o que lhe é dito, numa postura de quem nada quer mudar, afinal mudar provoca sofrimento e readaptação, isso é incômodo.

Ressaltamos que os primeiros momentos da escolarização na vida da criança são, de certa forma, provocadores de grandes mudanças. Ela sai de um ambiente familiar, que não é competitivo, onde todas as atenções e conversas estão voltadas para ela; seus pais ou babá

são pessoas conhecidas e está habituada às relações com seu grupo familiar sejam eles os pais, irmãos, primos, avós ou tios. Quando a criança passa a frequentar a escola, ela vai lidar com um ambiente competitivo e percebe que na sala de aula as atenções estão voltadas para toda a turma, as professoras por vezes são chamadas de tia, sem que tenha o vínculo de parentesco: eles são desconhecidos para a criança, pelo menos no começo.

Portanto, todas essas mudanças podem ter efeitos desagradáveis e repercussões sobre a auto-estima da criança. Ela precisa ser adequadamente preparada para essa nova etapa da vida, isto é, sem exageros nas expectativas e promessas feitas pelos pais ou responsáveis, principalmente dizendo o que ela vai aprender a ler logo, e que essa promessa vai se cumprir como mágica. Torna-se frustrante para a criança perceber que isso não acontece nos primeiros dias. Sabemos que para adquirir essa habilidade requer tempo e maturidade psicológica necessários para o desenvolvimento de todo o processo.

Voli (1998) destaca que na base do ensino escolar existe uma prática de abertura, comunicação intra e interpessoal, de compreensão e continuidade, com um substrato psicológico consciente e subconsciente do professor e de seus alunos. Sendo os professores pessoas supostamente mais preparadas do que muitos pais, deveriam considerar de igual importância todos os aspectos que envolvem o bem-estar psicológico da criança e não apenas o seu nível de inteligência. Nessa linha de pensamento Briggs (2000:72) afirma que “a criança cujas necessidades emocionais não são satisfeitas, tem menos probabilidade de conseguir êxito na escola”.

Entendemos que esse impacto da escolarização seja diferente de criança para criança e poderá ser transitório ou permanente em sua vida, tendo em vista que essa etapa inicial, além dos pais, amiguinhos e professores passam a ser peças-chave na consolidação da auto-estima, principalmente, os professores porque são novas figuras e importantes para a criança e com autoridade sobre ela. Todos eles são pessoas com alguma significação para os alunos, atuam como modelos nos quais eles se fixam para construir seu próprio eu, sua própria estima, sua própria realização pessoal. Se o educador está “na mira” ou direção do crescimento pessoal, os alunos percebem e sentirão com toda segurança *empatia*. Todavia, caberá ao professor, dentro de suas possibilidades, oferecer condições que lhes permitam seguir os próprios caminhos na busca de si mesmo.

No caso do aluno com pouca auto-estima, os professores podem chegar a ser os “verdadeiros pais”, proporcionando-lhe o amor que lhe foi negado por seus progenitores, promovendo nele um sentido de valor pessoal que sua família não soube dar-lhe e oferecendo-

lhe uma visão de si mesma, das pessoas, da vida e do mundo suficientemente amável para que ele ouse mudar, crescer, ser cada vez mais pessoa.

A autoconfiança possibilita no aluno um bom desempenho, ao passo que nos alunos brilhantes têm, às vezes, problema de auto-estima baixa. Outro bloqueio ao crescimento intelectual é uma disciplina intolerante, protetora ou rígida demais. Os pais dominadores aumentam a hostilidade, a dependência e a inadequação – sentimentos que bloqueiam o funcionamento intelectual. Pais excessivamente protetores, ou pais que se recusam a estabelecer limites, fazem com que as crianças se sintam inadequadas e não amadas. Essas atitudes são negativas para auto-estima, que por sua vez afetam a motivação de aprender.

No caso do aluno com auto-estima elevada, os professores só precisam oferecer-lhe compreensão, aceitação e oportunidade de exprimir-se, a fim de que ele continue seu caminho rumo ao tornar-se pessoa. Entretanto, nem sempre os professores são capazes de lidar com um aluno dotado de auto-estima e de avaliar como são positivas a autonomia e a criatividade que ela traz do lar, acabando por cercear um trabalho que prometia ser bem-sucedido.

Entendemos que são muitos os fatores que influenciam a auto-estima do aluno e que eles perpassam o ambiente familiar, adentrando o universo escolar, como explica Branden (2000:261) ao citar que “a auto-estima do professor, o ambiente de sala de aula, os próprios objetivos do sistema educacional e tantos outros”, são fatores que exercem influência preponderantes na auto-estima do aluno.

Sabemos que na formação de vínculos entre professor e aluno, acontece algo muito mais profundo envolvendo características psíquicas das partes, sejam eles crianças, adolescentes, jovens e adultos. Geralmente são muitas vezes expressadas nas atitudes, nas comunicações verbais e não verbais, de maneira motivadora e estimuladora ou, do contrário, com atitudes de indiferença ou com rispidez em seus atos. Essa comunicação é importante, não há dúvida. Mas, o que eles transmitem mediante a linguagem gestual e através comportamento ainda o é mais. Os alunos costumam observar que há incongruência quanto aquilo que os professores pregam e o que ensinam. Ensinam-nos que somos todos iguais e que o respeito ao outros é fundamental para a convivência social — e o que praticam na aula.

Rogers (1975;126) propõe um enfoque educativo denominado de *Centrado no Estudante*, cujos princípios envolve basicamente a boa relação interpessoal com autenticidade do professor para facilitar uma aprendizagem significativa, na qual o aluno é considerado como alguém possuidor de potencialidades para aprender.

Ser autêntico, estar consciente dos próprios pensamentos, atitudes e sentimentos,

aceitá-los e apresentar-se diante dos estudantes com eles, facilita o crescimento pessoal e a aprendizagem realmente importante ou significativa. O aluno capta com facilidade quando seu professor se mostra tal como é e quando faz uso de máscaras, dramatiza ou atua diante do público. O aluno não pode comunicar-se com um professor fictício e variável, porque não sabe com quem está se relacionando.

Nesse processo de comunicação, os alunos passam a usar determinadas expressões que identificam os professores com os quais lidam, a exemplo: -“o professor tal... não se preocupe parece, um bôbo, mas é uma alma abençoada - “Cuidado com ele, não é o que aparenta!”; - “Não confie na professora tal... parece uma mosca morta”; - “Com esse professor... não vale a pena, ninguém nunca sabe o que está pensando, o que deseja nem o que vai fazer”. Tais expressões tornam-se rótulos de identificação dos professores.

Há necessidade de que seus professores sejam autênticos, verdadeiros, para poder iniciar com uma relação que lhes permita conhecer-se e caminhar juntos o percurso que os espera. A aprendizagem significativa, realmente valiosa, não será possível se o professor e o aluno não se mostrarem como são. Mas é trabalho primordial daquele facilitar esse encontro autêntico.

Quando um professor é uma pessoa que está comprometida com seu processo de desenvolvimento, transmite espontaneamente, quase sem perceber, auto-estima de seus alunos. Não precisa fazer um esforço especial e muito menos inventar ou enganar. Manifesta-se *como é, e como se está fazendo*. E essa manifestação produz efeitos auto-realizantes e auto-estimantes nos alunos que tem a seu cargo.

Não obstante, costumam ocorrer efeitos positivos de um professor auto-estimante sobre um aluno, embora às vezes eles não apareçam com resultados positivos; sem dúvida isso é frustrante para o professor. É comum receber, na aula, crianças e jovens tão deteriorados emocionalmente por suas experiências negativas com os familiares e amigos, que não parecem reagir diante dos esforços de um professor comprometido com sua tarefa de proporcionar-lhes as condições para que se tornem pessoas. A melhor maneira de agir é levar o aluno a compreender que, apesar de tudo, *não será abandonado* e que *será acompanhado em seu sofrimento* até que decida dar o passo necessário para mudar a situação ou sua atitude.

Com relação ao ambiente escolar, os alunos autoconfiantes e motivados podem perder o estímulo de aprender quando se vêem em salas de aula muito cheias, com maus professores que usam técnicas inadequadas. Por outro lado, quando os alunos têm uma participação ativa no planejamento do currículo, de acordo com seus interesses, eles reagem de maneira muito diferente do que quando são tratados como simples recipientes vazios onde se despeja o

conhecimento velho dos manuais.

No espaço da sala de aula acontecem os grandes encontros, cujo mecanismo envolve inúmeras relações humanas e troca de experiências, as discussões e interações entre os alunos, o carinho, a ajuda, o amor, enfim as relações afetivas existentes entre professor-aluno são consideradas um espaço transferencial. Na visão de Ivan Capelato (1994), “o que comanda a transferência na relação entre as pessoas, é a possibilidade do outro de se tornar o complemento, o continente da relação, pois é neste contexto de continência que os vínculos vão se formar”. Sendo assim, a vivência do aluno dentro do processo escolar ocorre dentro de um espaço transferencial e desperta percepção dos alunos para as inúmeras relações que, a depender da situação, o aluno acredita que o professor pode ajudá-lo, seja no que for, principalmente fazendo às vezes de um psicoterapeuta, ainda que, efetivamente, não tenha habilitação para tal; outras vezes como pais. No entanto, o aluno espera ser ouvido em seus momentos de desconforto emocional. Nesse papel, o professor precisa reconhecer, analisar e lidar tanto com suas próprias situações pessoais e quanto com a de seus alunos.

Os professores e alunos são geralmente afetados, de um modo ou de outro, por situações familiares, sociais e escolares que interferem em seu trabalho de classe, de socialização, acadêmicos e vivenciais em geral. Cada professor projeta e transmite sua situação psíquica a seus alunos. Estes, de uma forma ou de outra, o tomam como modelo e, se o modelo é insatisfatório, as conseqüências podem ser – em geral são – negativas para o crescimento pessoal do aluno, gerando muitas vezes um conflito cognitivo que pode ser esquecido, ser afastado da consciência quando não temos condições de superá-lo, mas não desaparecerá. Cedo ou tarde, volta à consciência e acaba por desencadear o processo de equilíbrio, propiciando a reorganização ou construção de novas estruturas e novos conhecimentos.

É nesse espaço que o professor observa seus alunos, identifica suas conquistas e suas dificuldades e os conhece mais. Portanto, o espaço da sala de aula deve ser marcado por um ambiente cooperativo, positivo, acolhedor, organizado e estimulante; um lugar que tenha sentido para os alunos, permitindo que eles possam se engajar na própria aprendizagem, de modo a favorecer o desenvolvimento e as manifestações de suas diferentes inteligências. Ao mesmo tempo, que incentive os alunos, promova a interação entre os distintos significados apreendidos ou criados por eles, que possam imaginar soluções, explorar possibilidades, levantar hipóteses, justificar seu raciocínio e validar suas próprias conclusões.

Que esse espaço seja um ambiente direcionado para uma prática educativa formadora

para o verdadeiro significado de ensinar que, segundo Freire, (2002:52) “é criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Os desafios vivenciados pelos alunos e os erros fazem parte do processo de aprendizagem, devendo ser explorados e utilizados de maneira a gerar novos conhecimentos, novas questões e novas investigações, em um processo permanente de refinamento das idéias discutidas e de valorização da auto-estima.

À medida que o aluno está em um meio sobre o qual pode agir e no qual pode discutir, decidir, realizar e avaliá-los, adquire condições para a aprendizagem e vive situações favoráveis a ela. Nesse ambiente, a autonomia é estimulada, podendo ser visto como um lugar de trabalho entre professores e alunos, um espaço estimulante e acolhedor, de trabalho sério, organizado e alegre.

A escola é um lugar onde a competição e comparação social existem, onde o fracasso acarreta sofrimento e altera insidiosamente auto-estima. Em geral, os sistemas escolares competitivos melhoram a auto-estima daquelas em que ela já é alta. Ao contrário, os sistemas não competitivos valorizam menos a auto-estima dos bons alunos, mas melhoram a dos maus alunos. Nesses sistemas não competitivos os êxitos não são valorizados, nem os fracassos são punidos, embora sejam muito ressaltados.

Entretanto, as escolas competitivas ou não, têm regras objetivando uma convivência harmoniosa, porém, alguns professores consideram tais regras como instrumento de aprendizagem e muitas vezes estão a serviço das pessoas que as criam. Essa atitude apresenta características de confronto e no máximo consegue a obediência, estimulando a dependência, sob ameaça. Entretanto, cabe ao educador escolher o enfoque com que se sente mais confortável para trabalhar com seus alunos.

Todavia, entendemos que bons professores sabem que a pessoa só aprende construindo sobre os pontos fortes e não focando as fraquezas. Para Freire (2002:66) acima de tudo “o professor deve ter respeito e dignidade às diferenças com imperativo ético e não um favor que podemos não conceder uns aos outros”. Entretanto, a educação exige a presença de normas mediante as quais educadores e estudantes se regem no processo de aprendizagem, de modo que possa oferecer valores éticos e poder no sentido de autoconfiança e autonomia para os alunos, obtendo a cooperação necessária para estimular a responsabilidade pessoal.

Freire (1986) afirma que “não é certo sobretudo do ponto de vista democrático, que o professor será tão melhor quanto mais severo, mais distante e “cinzento”. É importante ressaltar que não pode se permitir que a afetividade interfira no cumprimento ético do dever

do professor e no exercício de sua atividade”. Contudo, o autor considera que o querer bem não significa a obrigação a querer bem a todos os alunos da mesma maneira. Significa que é importante zelar o compromisso com os alunos embora agindo muitas vezes de maneira séria, mas com todo respeito e dignidade.

Segundo André e Lelord (2003:118) “o êxito escolar dos filhos, sejam eles crianças, adolescentes ou adultos, é uma preocupação legítima de muitos pais”. Eles podem desempenhar um papel ativo nesse domínio, cujo papel não reside exatamente na ajuda escolar direta (verificar os trabalhos de casa, por exemplo, ou ver se ele(a) sabe mesmo o que aprendeu na escola), mas que os pais tenham atitudes educativas que tendem a responsabilizar a criança além da esfera escolar: ouvi-la, encorajá-la a expressar suas opiniões, questioná-la e levar em consideração decisões da criança sobre diversas situações familiares.

Certamente, estímulos variados nos primeiros anos de vida do aluno podem afetar o desenvolvimento intelectual positivamente. O QI (Quociente de inteligência) chama muito mais atenção aos pais e educadores do que os aspectos emocionais dos filhos. Acreditamos que os educadores, por serem pessoas supostamente mais preparadas que muitos pais, deveriam considerar de igual importância todos os aspectos que envolvem o bem-estar psicológico da criança ou adolescente e não apenas o seu nível de inteligência. Muitos problemas de aprendizado são conseqüências de problemas emocionais.

Nas pesquisas realizadas pelos autores acima, sobre auto-estima dos alunos, constataram que o nível de auto-estima prediz muito bem o valor das estratégias que serão postas em ação pelo aluno diante das dificuldades escolares. Isto significa que os comportamentos dos alunos em relação às atividades escolares são mais adequadas, quando ele age de forma responsável em relação aos horários regulares de estudos em casa, revisando os conteúdos das aulas, se ele busca apoio quando tem dúvidas, pesquisa, sente-se capaz de argumentar, de fazer questionamentos possibilitando mais confiança em si. Os autores destacam que crianças com bom nível de auto-estima saíram com freqüência de um contexto familiar favorável, no qual as pessoas se preocuparam com elas e com os seus estudos. Por outro lado, a baixa auto-estima dos alunos está correlacionada com atitudes pouco produtivas do próprio aluno e tendem a correr o risco de agravar a situação, principalmente quando ele é negligente em relação as suas tarefas escolares.

Um aluno muito inteligente pode não ter seu desempenho ou rendimento escolar ou motivação elevados. Tal fato demonstra uma auto-estima baixa e comprometida. Para Briggs (2000:167) “as notas escolares são, com mais frequência, um reflexo da motivação, e não da capacidade inata. Não se trata tanto de uma questão de inteligência da criança, mas daquilo que ela faz com a inteligência que tem”. Por outro lado, Gardner (1997:23), postula a existência de inteligências múltiplas, isto é, somos portadores de uma série de inteligências ou uma série de habilidades específicas. Portanto, significa que o aluno poderá se destacar potencialmente em uma ‘habilidade’ e noutra não. O que não significa que ele não seja inteligente. No passado, tinha-se como certo que todos aprendiam da mesma maneira e que um só método didático serviria para todos. Hoje, sabemos que as pessoas aprendem de forma diferente. Apoiando-nos nas idéias do autor acima, entendemos que a inteligência é dinâmica e está sujeita a modificações, crescimento e aperfeiçoamento por meio de experiência, do exercício e da aprendizagem de novas habilidades, porém o seu desenvolvimento dependerá de como e quanto a pessoa se dispõe a apreender. Nesse sentido, essa disponibilidade de apreender está intimamente relacionada com a auto-estima e o estado emotivo de cada um.

Neste capítulo, tentamos esclarecer os mecanismos da auto-estima, considerando a compreensão dos seus conceitos e importância, tanto na formação do professor como em suas práticas educativas para o processo da aprendizagem, em crianças e adolescentes, ao mesmo tempo que destacamos os diferentes níveis da auto-estima, alto-baixo, estável-instável, global-específicas e dos diferentes efeitos e possíveis reações ao sucesso ou fracasso escolar. Essas discussões sobre a auto-estima vieram corroborar com a nossa certeza de que a educação não começa quando entramos na escola e nem termina quando saímos dela. Percebemos que seu início começa quando nascemos e continua conosco durante todos os dias de nossa vida. Daí, a importância dos pais, professores e ‘outros significativos’, principalmente nos primeiros anos escolares e em especial na fase da adolescência, período crítico na busca pela autonomia. Por isso é necessário que todos devam estar ligados e trabalhando para a construção e manutenção de uma auto-estima saudável, seja da criança ou do adolescente.

Procuraremos no próximo capítulo apresentar a análise e interpretação dos resultados coletados na pesquisa de campo, fazendo sua conexão com os conhecimentos explorados para ilustração e aprofundamento das discussões sobre o tema.

CAPÍTULO III

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Ainda que tudo passe pelo cérebro, nada se pode compreender fora do plano relacional.

(J. de Ajuriaguerra)

Adotamos uma análise interpretativa, buscando a compreensão da totalidade do fenômeno que nos propomos a estudar, diante de uma realidade complexa e dinâmica que envolve este trabalho. A amostra representativa constou de 40 alunos das primeiras séries do ensino médio, turno manhã, da Escola Pública Estadual “Brasilianos”, onde frequentam regularmente e que responderam em sua totalidade aos questionários aplicados.

A idade dos investigados variaram entre 14 e 20 anos, sendo 21 alunos do sexo masculino e 19 feminino. Em relação à escolaridade dos pais, apresentavam-se desde a não escolarização até o curso superior, este com menor incidência, apontando apenas uma mãe com curso superior completo. Entretanto, apresentavam-se com uma significativa escolarização incompleta do ensino fundamental entre pais e mães. Quanto à profissão dos pais, verificamos uma diversidade de ocupações como: mecânicos, frentistas, cobradores de ônibus e outros. Enquanto a ocupação das mães, foi quase exclusiva de ‘Donas de Casa’, mas com menor incidência em atividades diversas como motoristas, auxiliares de serviços gerais, vendedoras, agricultoras e outras ocupações.

Em relação ao sucesso escolar, a investigação foi realizada através do número de reprovações dos sujeitos pesquisados, e constatamos que 17 alunos nunca foram reprovados, enquanto 23 alunos responderam que tiveram entre uma e três reprovações durante sua

história escolar, com uma incidência maior de reprovações nas primeiras quatro séries do ensino fundamental, principalmente nos dois anos iniciais de escolarização. Acreditamos que este fato pode ser compreendido porque nessa fase da escolarização os alunos passam por um período de adaptação, ao saírem de seu ambiente familiar, não competitivo, quando passam a enfrentar uma situação em que o olhar e a atenção da professora têm uma direção para o coletivo, diferentemente do olhar permanente da mãe e outros familiares. Sendo assim, cada coleguinha em sala de aula passa a competir e buscar para si as atenções da professora. Nesse sentido Briggs (2000:72) ressalta que “a criança cujas necessidades emocionais não são satisfeitas, tem menos probabilidade de conseguir êxito na escola”. Se a professora apresenta atitudes de distanciamento e desatenção com seus alunos e especialmente às suas dificuldades, o aluno enfrentará essa situação como obstáculos que minarão sua auto-estima por não se sentir aceita ou merecedora das atenções da professora. Nesse sentido, Branden (2000:70) considera que “a auto-estima da criança é a confiança que ela tem em sua capacidade de lidar com os desafios básicos da vida”, e um deles consiste no relacionamento com outras pessoas. Esse processo de socialização é diferente de criança para criança, através do qual ela realiza vários aprendizados, como Vygotski (1991:38) afirma “o desenvolvimento e a aprendizagem estão interligados com o meio físico e social, oportunidade em que a experimentação, imitação, as informações das pessoas e as relações afetivas resultam em seu desenvolvimento mental em permanente construção”. Contudo, nesse processo de escolarização a criança encontra outros referenciais que não os seus pais, mas, seus professores e amigos da escola. A auto-imagem que tinha antes de entrar para a escola, vai modificando-se a medida que ela passa a ter contato com os “outros” que também são significativos, constituindo assim um papel importante para a construção dessa nova auto-imagem na medida em que são determinantes para a formação da personalidade da criança, e em particular para o desenvolvimento da auto-estima.

Portanto, em relação à auto-imagem, Miceli (2000:27) argumenta que “nos primeiros anos de vida da criança é relevante aquilo que os outros pensam dela”, isto é, a imagem dela que os pais enviam de volta para a criança, torna-se progressivamente aquilo que a criança pensa de si mesma. Portanto, os outros funcionam como espelhos, fazendo com que a criança introjete essas expectativas como “valores do seu EU ideal”, formando assim o seu auto-conceito, podendo mudar ao longo da vida. São muitos os fatores que levam alguém a fracassar. Lembramos que se o(a) aluno(a), em sua história de vida, assimilou crenças negativas repassadas por seus responsáveis, as quais direcionam a criança a não acreditar em si mesma, fazendo-a sentir que tudo que faz ou diz, produz conseqüências negativas e de

insucesso.

Analisando a aspiração acadêmica dos alunos pesquisados, verificamos que 33 dos investigados aspiram concluir o curso superior, demonstram que têm capacidade de transformar as situações difíceis, evoluindo em direção à concretização dos sonhos, enquanto outros três querem fazer um curso técnico profissionalizante; quatro alunos responderam que aspiram apenas o ensino médio e demonstram que desistem facilmente, não se acham capazes de superar as dificuldades e seguir em frente nos estudos, passando a impressão de que estão indo na contra mão dos seus sonhos e com uma baixa aspiração para aquilo que esperam alcançar no futuro. De acordo com André e Lelord (2000:55), “os níveis pessoais de aspiração ajudam a estabelecer o que cada um considera como sucesso ou fracasso, e nessa medida, interferem no auto-conceito acadêmico e a auto-estima do aluno”. Entendemos que aquilo que aspiramos alcançar está determinado pelo que seríamos capazes de obter e este sentimento de capacidade, afirmam os autores acima, é condicionado por nossa história pessoal de êxitos e fracassos. Acreditamos que as aspirações dos alunos têm a ver com o que ele percebe de si próprio, do quanto é capaz de se esforçar para realizar os objetivos que pretendem alcançar.

Nesse sentido, 25 dos alunos investigados indicaram que têm uma boa expectativa para o futuro, pois, esperam realmente concluir o curso superior e terem uma formação mais especializada. Para estes, o bom nível de aspiração e expectativa indicam que o sucesso escolar obtido, após o número considerável de reprovações, funciona como um teste do progresso alcançado ao longo da escolarização. Podemos entender como uma superação das dificuldades, tanto pessoais como sociais, incluindo nesse contexto as dificuldades apresentadas pela própria escola, principalmente por se tratar de uma escola pública, assumidamente carente em todos os aspectos necessários para uma boa escola e de qualidade. Por outro lado, 7 (sete) alunos esperam concluir o ensino médio por completo, e 6 seis esperam fazer um curso técnico com o objetivo de entrar no mercado de trabalho qualificado. Na visão dos alunos essa é uma maneira de ter mais chance de emprego, e justificam dizendo que o mercado exige profissionais qualificados. Ao mesmo tempo 2 (dois) alunos demonstram uma baixa aspiração e expectativa desses investigados, pois esperam concluir apenas a primeira série do ensino médio, ao mesmo tempo em que revelam: “tenho pretensão de entrar logo no mercado de trabalho independente de me formar na faculdade”.

Além das aspirações e expectativas, verificamos que as atitudes dos alunos, diante dos estudos, apontam que 21 deles responderam na opção ‘outros’ e foram enfáticos ao falar que estudam, “para passar no vestibular”, “para entrar na faculdade”, “formar-se”, “trabalhar

e melhorar de vida, não apenas para eles próprios, mas para ajudar aos pais”. Dessa maneira, os alunos demonstram que assumem a responsabilidade de estudar para alcançar seus objetivos, como um indicativo de estarem seguros de si, que confiam em si mesmos. Enquanto, 14 (quatorze) alunos responderam que estudam para obter médias excelentes, com o objetivo de ter uma base consistente de conhecimento e passar no vestibular. Outros 3 (três) investigados, responderam que estudam para obter boas médias e 2 (dois) estudam apenas para passar de ano. Esses cinco alunos demonstraram estar sem condições de lutar por suas realizações e sentem uma frustração antecipada de um futuro não promissor nos estudos. Assim, percebemos que a atitude face ao estudo é um importante fator de sucesso ou fracasso escolar, que é determinado pelo histórico escolar anteriores do aluno. Nessa mesma linha de atitudes pessimistas, percebemos que 3 (três) alunos parecem ter uma tendência negativa em relação à futura ocupação, quando responderam que não acreditam que vão exercer a profissão que desejam, revelando uma atitude de frustração ocupacional antecipada, não têm firmeza de suas próprias qualidades e acreditam pouco em si. Diferentemente de 37 alunos que acreditam que vão exercer a profissão que desejam, indicando que eles são mais propensos a terem uma atitude mais otimista, que se traduz numa atitude com possibilidade de êxito naquilo que desejam como profissão. Para André e Lelord (2000:241) “ a perspectiva de um êxito ou fracasso no campo ocupacional tem a ver com características de personalidade específicas e depende das qualidades que um indivíduo acha necessário para o exercício de uma profissão, depende também da medida em que ele acha possuir essas mesmas qualidades”. Sendo nossos investigados adolescentes, cabe aos professores ajudá-los a construir uma imagem realista de si próprio, de maneira que o próprio aluno descubra suas potencialidades e fraquezas.

Nossa sociedade ainda atribui uma grande importância aos valores intelectuais e escolares, motivo pelo qual o valor do rendimento escolar pesa consideravelmente na vida dos alunos, sejam crianças, adolescentes ou adultos. Ele serve como critério para o aluno julgar-se como aluno e como pessoa.

O rendimento obtido ao longo da vida escolar desses alunos é consequência de como eles se sentem a respeito de si próprio. Consideramos como os investigados apresentam o comportamento cognitivo que se desenvolveu a partir das experiências de aprendizagem apropriadas, ressaltando o sucesso escolar. Nessa perspectiva, Miceli (2003:130) ressalta que “aquilo que um aluno é capaz de aprender em termos escolares não é determinado apenas por qualidades intelectuais, mas pela ‘pessoa toda’, por todas as suas qualidades pessoais das quais destacamos a auto-estima”. Contudo, consideramos também que os adolescentes que

tiveram três reprovações durante a vida escolar podem estar entre aqueles que apontam uma auto-estima média, demonstrando assim atitudes de interesse pelos estudos, e um sentimento de serem capazes de se recuperarem.

Assim, em relação ao conceito acadêmico dos professores, 24 alunos responderam que percebem que seus professores os consideram um bom estudante. Enquanto 16 outros percebem que seus professores os consideram um estudante razoável.

Nesse sentido, observamos na análise que a auto-estima geral dos alunos variaram entre a média e alta auto-estima. Esta tendência é um indicativo de que a grande maioria dos adolescentes da nossa amostra estimam a si próprios, portanto parecem estar bem consigo mesmos. Notamos que o resultado do nosso estudo é consistente com os resultados das auto-imagens acadêmicas (pais, professores, amigos e do próprio aluno), enquanto outros apresentam um auto-conceito de um estudante razoável para bom, demonstrando assim que a auto aceitação e a estabilidade da auto-imagem são importantes índices de ajustamento pessoal e de equilíbrio de personalidade.

O conceito acadêmico refere-se à percepção que os adolescentes têm acerca da opinião manifestada, explícita ou implicitamente pelos (pais, professores amigos e pelo próprio aluno) em relação à sua condição de estudante, formando assim, o que chamamos de auto-conceito acadêmico social, pelo fato de envolver pessoas com as quais se relaciona. O auto-conceito acadêmico pessoal refere-se ao modo como o aluno se vê a si próprio, enquanto estudante, suas idéias e atitudes que ele possui a respeito de si. Sendo assim, quanto ao conceito acadêmico dos pais, verificamos que 25 alunos investigados acham que seus pais consideram-nos bons estudantes; Outros 15 alunos percebem que os pais os consideram um estudante razoável. Quanto ao conceito acadêmico dos professores, 24 crêem que seus professores comungam a mesma opinião manifestada pelos pais e, 22 alunos afirmam que seus amigos consideram-nos, também, bons estudantes. Do mesmo modo os próprios alunos também se consideram bons estudantes, enquanto três alunos percebem que seus amigos os consideram maus estudantes. Todavia, 15 investigados acham que seus pais, professores e seus amigos os consideram estudantes razoáveis. Nessa perspectiva, analisamos que aquilo que os adolescentes percebem acerca da opinião de seus pais, professores e dos amigos sobre si mesmo e a sua própria opinião sobre si enquanto estudante, significa que existem ligações entre a imagem acadêmica própria e as imagens dos outros em relação a sua condição de estudante, reforçando assim, as idéias de Miceli (2003:157), quando comenta que os “outros significativos” são fatores importantes no processo de desenvolvimento e estruturação do auto-conceito acadêmico dos adolescentes e da auto-estima”. Quando os professores

expressam na sala de aula suas opiniões sobre os alunos, geralmente os alunos levam a sério o que eles dizem. Muitas vezes as falas dos professores são mais significativas que a opinião dos pais, possibilitando que o aluno tenha um auto-conceito voltado para o fracasso ou sucesso escolar.

Ressaltamos que o auto-conceito acadêmico faz parte do auto-conceito geral do aluno, influi e é influenciado por este. Porém, Assis e Avanci (2004;17) consideram que é difícil determinar em que medida isso acontece e em que momento.

Acreditamos que a escola tem um importante papel na construção do auto-conceito geral do aluno e, como professora, percebemos cada dia, a convicção de que o caminho mais eficaz para uma prática educativa se encontra em levar o aluno a “ Ser a Aprender ”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho representou uma oportunidade para entendermos e analisar a auto-estima e suas implicações no contexto educacional, especificamente no processo ensino-aprendizagem, assinalando as infinitas relações que acontecem no ambiente escolar. E por esta razão fomos defrontando passo a passo em desvendar os conceitos da auto-estima antes mesmo de entendê-la como se forma e como se desenvolve nas pessoas.

Podemos afirmar que a maior dificuldade está em assumir que a auto-estima é uma questão que se apresenta de uma maneira singular e que está relacionada a muitos outros aspectos da personalidade muitas vezes já enraizadas no nosso comportamento e na maneira de sentir cada um. O papel de destaque no processo de formação da auto-estima pertence à família, independente da sua composição. Ela é a principal fonte de apoio estável que pode guiar os caminhos dos adolescentes durante a vida, nas redes de apoio. Destacamos o papel da escola, ambas, escola e família são os principais alicerces para fortalecer a estrutura de bases sólidas para o desenvolvimento da criança, desde os primeiros anos de vida, e do adolescente em sua preparação para vida adulta, permitindo-lhes seguir na vida com possibilidades e oportunidades. Neste sentido, acreditamos na sabedoria das crianças e dos adolescentes, oportunizando condições para que desenvolvam suas habilidades e competências a partir da construção da auto-estima, ainda que encontrem no caminho muitos obstáculos a serem suplantados.

Diante da importância da problemática por nós colocada, o estudo mostrou que há uma exigência social e educacional, seja na forma como o aluno se sente acerca de si mesmo, seja em relação ao resultado escolar obtido por eles, ainda que soubéssemos empiricamente que o rendimento escolar não só depende do quanto somos inteligentes, mas também de como

somos capazes de sentirmos que somos. Afirmamos que o rendimento escolar verificado através do número de reprovações reflete nas experiências educacionais, principalmente nos resultados de sucesso ou insucesso escolar e que tanto os pais como os professores em geral, direcionam suas preocupações para o rendimento escolar, desconsiderando os aspectos afetivos que permeiam as relações educacionais.

Entendemos que acreditar na força dos adolescentes e em suas possibilidades de serem bem sucedidos, é o ingrediente básico da auto-estima que influencia o grau de determinação desse jovem. Apesar dos percalços da vida de muitos adolescentes, o nosso estudo mostrou que eles têm uma visão positiva de si mesmo, mesmo quando os adultos os consideram “aborrecentes” e esquecem de aproveitar melhor o potencial que emana dessa visão positiva de gostar de si.

Queremos ressaltar algumas questões importantes para a formação da auto-estima, visto que se trata da necessidade dos próprios adolescentes de compreenderem melhor o que acontece em seu íntimo, e tudo que envolve essa fase tão marcante, como uma passagem para vida adulta tem a ver com o bem-estar consigo mesmo e com o mundo a sua volta. Quanto ao envolvimento saudável e positivo dos adolescentes com seus familiares, é crucial sentirem-se aceitos e amados, considerando que são relações importantes para o desenvolvimento saudável da auto-estima, do contrário, essas relações transformam-se em destruidoras da auto-estima.

Quanto aos aspectos estruturais da família, a ordem de nascimento dos filhos, o nível sócio-econômico, a escolaridade dos pais e outros fatores vêm à reboque dessa questão central que é o relacionamento familiar.

Afirmamos que um ambiente escolar acolhedor, com bons relacionamentos entre os colegas, professores e demais integrantes da instituição, são aspectos relevantes na formação da auto-estima, embora, tenhamos constatado uma subvalorização da dimensão afetiva nas práticas educativas da instituição pesquisada, indicando que as pessoas envolvidas no processo, não costumam envolver-se no contato com os alunos. Os professores(as) justificam que se trata de relação meramente “profissional”, como se fossem imunes aos afetos e às emoções.

Os resultados das investigações indicaram que os adolescentes se estimam, e demonstram de forma positiva que estão bem consigo mesmos. Contudo, acreditamos que há necessidade de melhorar o relacionamento professor/aluno, principalmente quando os alunos passam por dificuldades escolares, uma vez que cabe aos professores mostrarem as fraquezas, sem humilhá-los, nem usar palavras depreciativas diante dos colegas, ou tratá-los como um

“coitadinho”, “pobrezinho”, por causa da sua condição de carente, deixando assim, de fazer às críticas necessárias, para não magoar o aluno.

Além do professor e família, consideramos outros elementos importantes para o desenvolvimento da auto-estima: os amigos, colegas de classe, namorado(a) e tantas outras pessoas consideradas pelo próprio adolescente como sendo significativos em sua vida.

Acreditamos que nossos objetivos foram alcançados através da nossa pesquisa, visto que pudemos conhecer a auto-estima e suas implicações no ensino e na aprendizagem. Ao mesmo tempo, exploramos o sucesso escolar através dos números de reprovações do conceito acadêmico pessoal e social (pai, professores e amigos), suas aspirações e expectativas diante do estudo e ocupação futura dos referidos alunos. Todos responsáveis pelas imagens que os alunos vêem-se, através dos olhares dos “outros significativos” como fontes para a estruturação do auto-conceito acadêmico como estudante.

Os resultados encontrados apresentam consistência com a literatura e contribuem para indicar a necessidade de aprofundamento de algumas questões aqui levantadas, mas nem todas debatidas, tendo em vista a amplitude do tema:

- O relacionamento familiar saudável;
- O sentimento de competência dos adolescentes, apontados pelos literatura, (Branden:2000), (Briggs: 2000).

Os temas que merecem melhor aprofundamento referem-se ao estudo da auto-estima associado:

- Às práticas educativas, onde a dimensão afetiva deverá ser mais valorizada;
- A auto-estima das crianças e jovens com dificuldade de aprendizagem ou que apresentam-se com distúrbios de aprendizagem;

Aflige-nos a inexistência de serviços psicopedagógicos formado por equipe multiprofissional dentro da escola, que possam atuar efetivamente numa perspectiva direcionada para o aluno-professor-família. Constatamos a realidade de uma escola pública carente em muitos aspectos, excludente e subordinada a um sistema educacional que camufla as mazelas da educação sob forma de um ensino igualitário, principalmente na padronização dos parâmetros avaliativos diante das diferenças existentes, somando-se a tudo isso, um sistema social econômico discriminador, muitas vezes demonstrado através das falas dos professores, que afirmam referindo-se aos alunos: “aquele que tem estudo, tem mais chances na vida” e “quem não tem estudo fica à margem da sociedade é excluído”.

Esperamos que a educação brasileira possa definir seu papel diante de tantas mudanças no cenário nacional e mundial e que direcione prioritariamente sua função de educar bem as futuras gerações.

Afirmamos que o aluno ao entrar para a escola, passa a vivenciar uma nova imagem de si, formando uma auto-imagem acadêmica. Esta por sua vez, repercutirá na auto-imagem geral do aluno, geralmente expressada através das falas: “ eu me vejo como um pessoa inteligente e que sendo nas atividades escolares, posso também começar a ver-me como uma pessoa de valor”.

Um outro ponto a ser destacado é a atitude do professor perante seus alunos, revelando de certa forma se o professor está interessado pelo rendimento escolar e também pelo bem-estar psicológico do aluno, ou se contrariamente, o professor está interessado apenas no rendimento do aluno, não dando importância àquilo que sente o aluno ao receber o resultado obtido, afetando, dessa maneira, o auto-conceito acadêmico do aluno e sua auto-estima. Ressaltamos que o auto-conceito é outro fator importante no posicionamento do aluno em relação às suas aspirações e expectativas para uma profissão futura, podendo influenciar na decisão de entrar ou não para a universidade. Os alunos que apresentam baixa auto-estima sentem o processo seletivo do vestibular muito competitivo e acreditam antecipadamente no fracasso do resultado, sem sequer tentar fazê-lo. Sendo assim, deixam de escolher uma profissão mais especializada, e perdem a possibilidade de ter um futuro melhor. Todavia, queremos afirmar que a escolha de uma profissão pode ser afetada por outros fatores, como a questão sócio-econômica e cultural, por exemplo.

O nosso estudo mostrou que os alunos se estimam e assim podem antecipar diferentes futuros ocupacionais, porque costumam buscar mais conhecimentos para si sobre o mundo profissional, procurando conhecer mais as suas próprias aptidões para fazer as escolhas de uma profissão que desejam. Por isso, a atitude do professor voltada para descobrir as potencialidades e fraquezas dos alunos deve ser feita com cuidado, dignidade e preservando a auto-estima do aluno.

Registraremos alguns aspectos como resultado das investigações:

- Ter uma alta e média auto-estima não é garantia de um alto rendimento escolar, mas está relacionada com ele.
- Os alunos com alta e média auto-estima tendem a obter melhores resultados escolares que os alunos com baixa auto-estima, embora isso não se constitua um regra.
- Na formação do auto-conceito acadêmico dos alunos, o professor tem um papel importante, como ‘outro significativo’, na sua vida escolar.

- O sucesso escolar está presente nas aspirações, expectativas e nas atitudes face aos estudos, mas é a auto-estima que se apresenta como fator mais forte.

Temos consciência de que muitas questões ficaram sem respostas, mas em Ciência da Educação as respostas não podem ser totais, porque não são definitivas. Com isso, afirmamos que a auto-estima influencia e é influenciada durante toda história de vida do aluno, principalmente durante o percurso acadêmico.

Identificamos que a dimensão afetiva no contexto educacional permanece no discurso de alguns integrantes da escola (professores e diretores), mas não na prática pedagógica do cotidiano. Há um despreparo e uma certa resistência do corpo docente em lidar com esse novo aspecto relacional. Acreditamos que essa dificuldade é uma herança do passado quando para ser professor precisava apenas o ‘saber científico’ da matéria que vai ensinar. Hoje, é necessário o ‘saber pedagógico’ isto é, saber como ensinar. Deve-se incluir o saber relacional” a partir da formação do professor como exigência para o aprimoramento das suas competências interpessoais, considerando uma condição importante para o exercício dessa profissão formadora.

Constatamos que algumas literaturas apresentam modelos de exercícios com objetivo de provocar mudanças na auto-estima. Acreditamos que tais receitas não funcionam, porque propõem fazer mudanças rápidas. Nós sabemos que a auto-estima está ligada a vários aspectos da personalidade e que podem estar cristalizados no comportamento das pessoas. Portanto, não podem ser modificados assim, como um passo de mágica.

Nesse sentido, sugerimos algumas propostas de trabalho para promoção da auto-estima, que podem nortear os profissionais na escola:

- Inicialmente, é importante compreender o que é auto-estima, visto que há conceitos diferentes e significados diferentes empregados indiscriminadamente.
- Buscar princípios teóricos da temática e informar a importância da auto-estima na vida das pessoas.
- Percebê-la como algo que se constrói no dia-a-dia, na intimidade das relações, considerando as diferenças individuais e respeito pela pessoa.
- É preciso renovar o papel das instituições socializadoras: família e escola, que são importantes na consolidação da auto-estima.
- É importante que os profissionais que lidam com crianças e adolescentes compreendam a importância de suas atitudes e seus julgamentos em relação a seus alunos.

Promover reuniões sistemáticas para famílias e integrantes da escola, no sentido de provocar discussões sobre o comportamento e atitudes com adolescentes, enfatizando a questão dos vínculos afetivos.

- Acreditar e transmitir confiança quanto a capacidade dos adolescentes em superar as adversidades, em ser competente, enfrentar riscos e ser feliz.
- Organizar projetos e trabalhos no ambiente escolar de apoio aos adolescentes, inserindo atividades de interação entre eles e os professores.
- Desenvolver a capacidade de empatia, de ouvir e sentir o ponto de vista dos outros, bem como aceitar a idéia de fracasso, mas não como prova de incapacidade e sim como fonte de informações sobre si mesmo.
- Desenvolver atividades lúdicas, como música, esportes, poesia e teatro.
- Promover nas aulas de Formação discussões temáticas sobre auto-estima.

A escola desempenha um papel fundamental na auto-imagem e auto-estima da criança e do adolescente. Como instituição de educação e cultura, tem a responsabilidade e competência em desempenhar na criança e no adolescente o significado e o sentido do “Aprender e Ser”.

REFERÊNCIAS

- ARAGÓN, Cortés de, Lourdes e DIEZ. Jesús Aragón – **Auto-Estima: Compreensão e prática**. São Paulo Paulus, 2004. 262p.
- ANDRÉ, Christophe e LELORD François – **Auto-estima – Amar a si mesmo para conviver melhor com os outros**. Rio de Janeiro : Record, Nova era, 2003. 336 p.
- BRANDEN, Natahaniel – **Auto-Estima e seus Seis Pilares**. 6 ed. São Paulo: Saraiva, 2000.400p.
- _____ - **Auto-estima: Como aprender a gostar de si mesmo**. 37 ed. São Paulo: Saraiva, 2000. 143 p.
- _____ - **O Poder da auto-estima**. 9 ed. São Paulo : Saraiva. 2000. 109 p.
- _____ - **Auto-estima e auto-descoberta**. 4 ed. São Paulo : Saraiva. 2000. 109 p.
- BRIGGS, Dorothy Corkille – **Auto-estima de seu filho**. 2 ed. Rio de Janeiro : Martins Fontes, 2000. 220 p.
- CAPELATO, Ivan. **As dimensões do Amor**. Campinas: Ed UNICAMP, 1994.
- DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. **Psicologia da Educação**. (coleção magistério. 2º grau. Série Formação do Professor) São Paulo : Cortez, 1994
- DOUGLAS, Mack R. – **Como Vencer com a auto-estima**. 2ª ed. – Rio de Janeiro : Record, 1998. 222 p.
- ERIKSON, Erik, H. – **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro : Zahar. 1976.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed :Rio de Janeiro : Paz e Terra. 1987
- FREIRE, Paulo – **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa**. Coleção Leitura – Ed. Paz e Terra, 2ª ed. São Paulo : 2002.
- GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: A teoria na Prática**. Porto Alegre: Artes Médicas,1995
- HALL, Calvin Springer; LINDZEY, Gardner. **Teorias da Personalidade: Tradução e revisão técnica Maria Cristina Machado**. São Paulo. EPU, 1984.
- LAKATOS, Eva M. et MARCONI, Marina de A. - **Metodologia Científica – 2ª ed. – São Paulo : Atlas, 1991.**
- LUCAS, Miguel. – **A Auto-estima no Desenvolvimento da Personalidade – São Paulo : Paulus, 2000. 33p.**
- MICELI, Maria – **A auto-estima: alta ou baixa, estável ou flutuante, autêntica ou ilusória, está sempre influenciando o bem-estar psicológico** - São Paulo : Paulinas, Loyola, 2003 – (coleção Para Saber Mais); 179 p.

- MOOL, Louis C. - **Vygotski e a Educação: Implicações pedagógicas da Psicologia Sócio-histórico**,. São Paulo Ed. Artes : 2001.
- MOYSES, Cláudio – **Seu Sucesso pela Auto-estima** – São Paulo : Leia Sempre, 2001, 171 p.
- PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: Bases Legais/** Ministério da Educação - v. 1. Brasília : Ministério da Educação Média e Tecnológica, 1999. 188p.
- PEIXOTO, L. M. **Auto-Estima e Sucesso Escolar**, Braga : APPACDM. 1999.
- PERES, José A. – **A Elaboração do Projeto de Pesquisa** – 5ª ed. – João Pessoa : INSER, 1997. 84 p.
- ROGERS, Carl Ransom -**Tornar-se Pessoa**. 6ª ed. São Paulo : Martins Fontes,1982. 360 p.
- RICHARDSON, Roberto J. et Col. – **Pesquisa Social – Métodos e Técnicas** – 3ª ed. – São Paulo : Atlas, 1999. 334 p.
- SHEEHAN, Elaine – **Baixa auto-estima – Esclarecendo dúvidas** – São Paulo : Agora, 2005. 134 p.
- TRIVINOS, A. N. S. – **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo : Atlas. 1994
- VYGOTSKI, L.S. **Pensamento e Linguagem**. 4 ed.. São Paulo: Martins Fontes,1991.
- VOLI, Franco – **A auto-estima do Professor – Manual de reflexão e ação educativa** - São Paulo : Loyola, 1998. 254 p.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIOS DE PESQUISA

Prezado (a) Estudante

A presente pesquisa visa fazer um estudo sobre a **AUTO-ESTIMA** no **Processo Ensino-Aprendizagem** dos discentes do primeiro ano do ensino médio, objetivando a conclusão do curso de Mestrado em Educação Popular.

Os dados serão tratados em todo o seu conjunto, nunca isoladamente e guardados com absoluto sigilo, razão pela qual, pede-se que você seja o mais sincero possível nas suas respostas.

Você **NÃO PRECISA SE IDENTIFICAR**, basta preencher os dados solicitados nos questionários.

Antecipadamente, agradeço a sua colaboração.

MARTA LÚCIA DE SOUZA CABRAL*

* Aluna do Curso de Mestrado em Educação Popular
Psicóloga e Professora

INSTRUMENTOS DE PESQUISA

S_____

Data ____/____/____

Escola_____

Série que frequenta _____ Ensino Médio Turma_____

SEXO: Masculino Feminino Idade ____ anosPAI: - Escolaridade _____
- Profissão _____MÃE: - Escolaridade _____
- Profissão _____

INSTRUÇÕES GERAIS

Estes questionários destinam-se a um trabalho de pesquisa. Agradecemos a sua colaboração, mas ela só será válida e útil se você responder com maior seriedade às questões aqui colocadas. Não há respostas boas ou más. UMA RESPOSTA É BOA SE FOR VERDADEIRA PARA VOCÊ.

- Você deve responder de acordo com o que realmente pensa e sente sobre você mesmo.

AS SUAS RESPOSTAS SERÃO ABSOLUTAMENTE CONFIDENCIAIS

QUESTIONÁRIO I

NÍVEL DE AUTO-ESTIMA (Rosenberg, M. - 1979)

Ponha uma marca (+) na resposta que você acha mais adequada e de acordo com a opinião que você tem de si mesmo(a).

Em cada **ITEM** você dará apenas uma resposta.

Assinale a resposta que corresponda:

	Alternativas	CONCORDO PLENAMENTE	CONCOR DO	DISCOR DO	DISCORDO PLENAMENTE
1	No geral, estou satisfeito(a) comigo mesmo (a).				
2	Às vezes, penso que não valho nada.				
3	Acho que tenho várias qualidades boas.				
4	Posso fazer as coisas tão bem quanto a maioria das pessoas.				
5	Acho que não existe muita coisa em mim de que possa me orgulhar.				
6	Às vezes, sinto-me realmente inútil.				
7	Acho que sou uma pessoa de valor, Pelo menos tanto quanto os outros.				
8	Desejaria sentir mais respeito por mim mesmo(a).				
9	Tenho a tendência de achar que sou um fracasso.				
10	Tenho uma atitude positiva para comigo mesmo(a).				
	TOTAL				

QUESTIONÁRIO II

A – Sucesso Escolar

- Se durante a sua vida de estudante você teve **REPROVAÇÕES** indique, assinalando com um algarismo, o número de vezes que você repetiu:

	Alternativas	Reprovações
1	Nas primeiras 4 séries do Ensino Fundamental	
2	Na 5^a série do ensino Fundamental	
3	Na 6^a série do Ensino Fundamental	
4	Na 7^a série do Ensino Fundamental	
5	Na 8^a série do Ensino Fundamental	
6	Na 1^a série do Ensino Médio	
7	TOTAL DE REPROVAÇÕES	

B – Aspiração / Expectativa

1– A meta a que eu **ASPIRO (GOSTARIA DE)** atingir no Sistema Educacional **é**:

	Assinale a sua resposta com uma cruz (+)	
1	A primeira série do Ensino Médio	
2	O Ensino Médio completo	
3	Curso Técnico equivalente ao Ensino Médio	
4	Um curso Superior	

2– A meta que eu **ESPERO (ACHO QUE POSSO)** atingir no Sistema Educacional, **é Concluir**:

	Assinale a sua resposta com uma cruz (+)	
1	A primeira série do Ensino Médio	
2	O Ensino Médio completo	
3	Curso Técnico equivalente ao Ensino Médio	
4	Um curso Superior	

C–Atitude face ao estudo e à ocupação

Assinale a sua resposta com uma cruz (+)

a) O meu OBJETIVO, enquanto estudante, é :

1. Estudar apenas para passar de ano.
2. Estudar apenas para obter boas médias.
3. Estudar para obter médias excelentes.
4. Outros.

b) - Das duas afirmações abaixo, qual delas poderia ter sido dita por você:

1. Acho que conseguirei vir a exercer a profissão que desejo.
2. Acho que não conseguirei vir a exercer a profissão que desejo.

QUESTIONÁRIO III

Procure lembrar do que, **NORMALMENTE**, os seus **PAIS**, os seus **PROFESSORES**, os seus **AMIGOS DIZEM** de você, principalmente quando se referem ao seu **VALOR COMO ESTUDANTE**.

É provável que você já tenha ouvido, seus **PAIS**, seus **PROFESSORES**, seus **AMIGOS** fazer comentários sobre o seu **RENDIMENTO ESCOLAR** e das suas **CAPACIDADES ACADÊMICAS**.

A partir desses comentários você foi **PERCEBENDO** que eles consideram você:

- Um **BOM ESTUDANTE**, (isto é, um estudante **MELHOR DO QUE A MAIORIA**);
- Um **ESTUDANTE RAZOÁVEL**, (isto é, um estudante **IGUAL À MAIORIA**);
- Um **MAU ESTUDANTE**, (isto é, um estudante **PIOR DO QUE A MAIORIA**).

COMO É QUE VOCÊ ACHA QUE OS SEUS PAIS, OS SEUS PROFESSORES E OS SEUS AMIGOS, O CONSIDERAM, ENQUANTO ESTUDANTE ?

	Assinale a sua resposta com uma cruz (+)	Um BOM ESTUDANTE	Um ESTUDANTE RAZOÁVEL	Um MAU ESTUDANTE
1	Os meus Pais consideram que eu sou			
2	A maioria dos meus professores consideram que eu sou			
3	A maioria dos meus amigos consideram que eu sou			
4	E você próprio, o que pensa sobre o seu valor como Estudante? • Eu acho que sou			

